



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

RICARDO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**CRÔNICA DIGITAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LEITURA NAS
AULAS DE LITERATURA**

CAMPO GRANDE - MS

2018

RICARDO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**CRÔNICA DIGITAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LEITURA NAS
AULAS DE LITERATURA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

CAMPO GRANDE - MS

2018

O51c Oliveira, Ricardo do Nascimento,

Crônica digital: uma nova concepção de leitura nas aulas de literatura /Ricardo do Nascimento Oliveira. Campo Grande, MS: UEMS, 2018.

119p. ; 30cm

Dissertacao Mestrado – Profletras – Universidade do Estadual do Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes.

1.Literatura e sua função humanizadora 2.Novas tecnologias da educação 3. Sequencia didática I.Título.

CDD 23.ed. 800

RICARDO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**CRÔNICA DIGITAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LEITURA NAS AULAS DE
LITERATURA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Campo Grande/MS, 23 de março de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Prof. Dr. Daniel Abrão

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Prof.^a Dr.^a Arlinda Cantero Dorsa

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Prof.^a Dra. Aline Saddi Chaves - Suplente

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Prof Dr. Geraldo Vicente Martins - Suplente

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Dedico este trabalho ao meu pai pela criação que me deu, apesar das dificuldades, pelos conselhos e palavras amigas nos momentos de dificuldade, por sempre me incentivar a estudar, por me mostrar que, através do estudo, pode-se melhorar a condição de vida. Por isso, pai, divido com você esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me permitir realizar esse sonho.

À minha família, principalmente à minha esposa Kely Fernandes, pela paciência durante os meses de estudo e por não me deixar desanimar frente às dificuldades encontradas. À minha filha Ana Bárbara, por entender que o papai não podia brincar porque tinha que estudar.

Aos mestres, por todo conhecimento, em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, pela sua dedicação e atenção para comigo, por suas tão preciosas sugestões e revisões, além de estar sempre de bom humor e pronto para ajudar no que fosse preciso.

Por fim e não menos importante, aos meus colegas de turma, por terem dividido comigo os seus conhecimentos e práticas pedagógicas, pela ajuda durante as aulas e, principalmente, pelos momentos de descontração que me permitiram encarar essa jornada com enorme prazer e satisfação.

*Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.*

Paulo Freire

Oliveira, Ricardo do Nascimento. CRÔNICA DIGITAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE LEITURA NAS AULAS DE LITERATURA. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

RESUMO

O surgimento das novas tecnologias de informação e de comunicação mudou a maneira como as pessoas portam-se e relacionam-se em sociedade. Nos dias atuais, é quase impossível realizar as tarefas diárias sem recorrer a essas ferramentas. Desta forma, o ensino deve acompanhar os avanços do mundo contemporâneo, fazer da sala de aula um espaço de reflexão e adaptar as atividades à realidade dos educandos, para que os mesmos possam se sentir integrantes do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, viu-se a necessidade de desenvolver um material pedagógico digital para as aulas de Iniciação aos Estudos Literários, pois esse ambiente virtual oportunizará aos estudantes navegar por outros textos. Muda-se a concepção de leitura, interpretação e produção de textos, a ação de explorar novos textos e a aquisição de novas leituras parte do próprio aluno, por meio dos hiperlinks e hipertextos. Esse trabalho foi desenvolvido em uma turma do 9.º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Campo Grande/MS, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura, proporcionar novas práticas de ensino-aprendizagem na área de Literatura. Para tal, buscou-se esse conhecimento em autores renomados como: Marcuschi (2001 e 2005), Soares (2002), Schneuwly e Dolz (2004), Candido (2011), Jouve (2012), Arguelho (2011), Xavier (2002) entre outros. Sendo assim, a Crônica Digital, tema desta dissertação, proporciona ao aluno autonomia na busca de informações e o professor age como mediador desse conhecimento. Além disso, esse ambiente virtual permite ao educador trabalhar os conteúdos exigidos na ementa curricular para o ano/série em questão como: (sonetos, períodos literários, curiosidades etc.), bem como explorar os recursos das figuras de linguagem, principais autores da nossa literatura, resumos de obras literárias, além de trabalhar a interpretação por meio dos sentidos denotativos e conotativos e das paráfrases. Essa prática pedagógica tem o intuito de tornar as aulas mais dinâmicas e produtivas, e estreitar os laços entre professor e aluno.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Crônica Digital. Tecnologia. Hipertextos.

OLIVEIRA, Ricardo do Nascimento. DIGITAL CHRONICLE: A NEW CONCEPTION OF READING IN LITERATURE LESSONS. 2018. Dissertation (Professional Master's in Letters) - State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande / MS, 2018.

ABSTRACT

The emergence of new information and communication technologies has changed the way people behave and relate in society. Nowadays it is almost impossible to perform daily tasks without resorting to these tools. This transformation also came to school, because today's student is not the same as before. In this way, teaching must accompany the advances of the contemporary world, make the classroom a space for reflection and adapt the activities to the reality of the students, so that they can feel an integral part of the process and teaching and learning. In this sense, it was necessary to develop a digital pedagogical material for the classes of Initiation to Literary Studies, because this virtual environment will allow the students to navigate other texts. It changes the conception of reading, interpretation and production of texts, the action of exploring new texts and the acquisition of new readings from the student himself, through hyperlinks and hypertexts. This work was developed in a class of the 9th grade of Elementary School of the municipal network of Campo Grande, MS whose objective is to awaken the taste for reading, to provide new teaching-learning practices in the area of literature, for this purpose was sought (2002), Schneuwly and Dolz (2004), Candido (2011), Jouve (2012), Arguelho (2011), Xavier (2002) among others. Thus, the Digital Chronicle provides the student with autonomy in the search for information, and the teacher will be the mediator of this knowledge. In addition, this virtual environment allows the educator to work the contents required in the syllabus curriculum for the year / series in question such as: (sonnets, literary periods, curiosities etc.), as well as explore the resources of language figures, the main authors of our literature, abstracts of literary works, besides working the interpretation through the denotative and connotative senses and the paraphrases. This pedagogical practice aims to make classes more dynamic and productive, and to strengthen the bonds between teacher and student.

Keywords: Reading. Literature. Chronic Digital. Technology. Hypertexts.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I: Tem o hábito de ler?	61
Gráfico I.I: Lê quantas vezes por semana?.....	62
Gráfico II: Sobre qual assunto tem maior interesse em ler?.....	63
Gráfico III: Lê somente nas aulas semanais de leitura da escola?	63
Gráfico IV: Instrumento, suporte de leitura	64
Gráfico V: Já havia lido alguma crônica	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A LITERATURA E SUA FUNÇÃO HUMANIZADORA	13
1.1 LITERATURA, EXPRESSÃO DO SER HUMANO	13
1.2 A FUNÇÃO DA LITERATURA	14
1.3 A LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO	16
1.4 POR QUE LER OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS?	21
1.5 A LITERATURA NA ESCOLA	23
1.5.1 Introdução das aulas de Literatura na Rede Municipal de Educação.....	26
1.6 LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE	26
1.6.1 Aspectos Legais	27
1.6.2 Aspectos Culturais	28
1.6.3 Aspectos Pedagógicos.....	30
1.6.4 Ao Poder Público	33
1.7 REGIONALISMO	33
1.7.1 Autores Sul-Mato-Grossenses.....	36
1.7.1.1 Raquel Naveira	38
1.7.1.2 Manoel de Barros	39
2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DE EDUCAÇÃO	42
2.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA	43
2.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA	45
2.3 O USO DAS MÍDIAS NA ESCOLA	47
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	49
3.1 DESENVOLVIMENTO	50
3.2 CRÔNICA TRABALHADA	55
3.3 JUSTIFICATIVA	57

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO USO DA CRÔNICA DIGITAL.....	59
4.1 ATIVIDADES COM A CRÔNICA “EU CONTO OS CONTOS DA MINHA VIDA, PARAFRASEANDO SONETOS”	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

Atualmente, deparamo-nos com uma gama de recursos tecnológicos, como Ipod, computador, notebook, televisão, celular, etc., e esses recursos transformaram a nossa maneira de ser, agir, interagir e nos comunicar com outras pessoas. Essas mudanças comportamentais devem-se à inserção das mídias no cotidiano das pessoas.

O uso da tecnologia e das mídias tornou-se algo corriqueiro em nossas vidas e de nossos alunos que são, por excelência, Nativos Digitais, que esperam encontrar toda essa informatização dentro do ambiente escolar.

Esse contexto também transformou a escrita, que agora vem acompanhada de *emotions*, imagens, sons, abreviaturas, etc. Como afirmam Maciel e Takaki (2015, p. 28): “Os letramentos deste século integram uma profusão de significados semióticos, sensoriais, sinestésicos, emotivos, criativos e políticos”. Essas novas concepções de linguagem que compõem a escrita pressupõem uma construção de sentido, dentro de um determinado contexto.

Vinculado a isso, o perfil de aluno que hoje frequenta a escola mudou. Sendo assim, não basta apenas mudar as ferramentas sem mudar as práticas pedagógicas, pois se percebe que o educando faz constantemente uso das mídias dentro do ambiente escolar e, sobretudo, fora dele. Porém essa utilização das tecnologias não tem transformado a informação em aquisição de conhecimento.

O simples fato de incorporar as novas ferramentas tecnológicas na Educação não garante o sucesso da aprendizagem. O que irá garantir esse sucesso é como as ferramentas serão utilizadas. Esses novos suportes proporcionam novos letramentos, que mesclam imagens, sons, símbolos e movimentos e, com isso, dão um novo significado ao texto a partir da ressignificação da linguagem.

A internet trouxe uma nova concepção de leitura e escrita, os textos são multimodais. Em um mesmo suporte, é possível ter som, imagem e movimento, o que torna esse tipo de leitura muito mais atrativa e vai ao encontro da dinâmica do mundo moderno, onde se realiza mais de uma tarefa ao mesmo tempo.

Nessa perspectiva de mundo moderno, devemos integrar as novas tecnologias às nossas práticas pedagógicas, pois essas ferramentas podem estreitar os laços entre alunos e

professores, porque a exploração dos conteúdos se dá de maneira mais participativa e interativa.

O uso das tecnologias em sala de aula permitirá ao educando assumir o papel de protagonista na construção do ensino-aprendizagem, visto que lhe dará liberdade para explorar a criatividade e o raciocínio, possibilitando a autonomia. Caberá ao educador, mediar às informações para que possam se transformar em conhecimento.

Nesse sentido, ao utilizar o gênero crônica em um suporte digital busca-se promover uma nova concepção de leitura, interpretação e produção de texto nas aulas de Iniciação aos Estudos Literários, pois a “Crônica Digital”, por meio dos hiperlinks e hipertextos, ampliam o universo de leitura e de informação dos alunos acerca do que está sendo estudado.

A crônica digital tem como objetivo incorporar as aulas de Literatura às novas tecnologias, só que este é um ambiente com o qual o aluno está familiarizado, portanto, é possível torná-lo agente. Pensando-se nisso, buscou-se uma maneira de inserir a leitura, a interpretação e produção de texto neste contexto.

O texto digital também permite ao professor introduzir os conteúdos previstos na ementa curricular. Desta forma, não estará negligenciando ao aluno aquilo que lhe é de direito.

Esta pesquisa relata a importância da Literatura no Ensino das Línguas e sua função humanizadora, na perspectiva de difundir a cultura regional e mostrar aspectos da sociedade, e sobre como ela tem sido explorada dentro do livro didático. Esse último, por sua vez, é para muitos o principal instrumento de inserção na cultura e na escrita, mas, como mostra a pesquisa, o texto literário no livro didático é utilizado para a escolarização, e não tem função social, cultural e nem caráter de apreciação.

Diante desta constatação, pretende-se mostrar que a tecnologia pode ser essa porta de entrada para o trabalho com a literatura na sala de aula, pois a informatização faz parte do cotidiano dos alunos e, por isso, deve-se incorporá-la e explorá-la como uma ferramenta pedagógica.

Partindo desse pressuposto, este trabalho visa introduzir a tecnologia nas aulas de Literatura, por meio do gênero crônica, visto que esse gênero discursivo explora as variantes linguísticas e discorre sobre as questões sociais, sejam essas de grande relevância ou não. Com isso, podendo despertar nos educando o gosto pela leitura e estimular a produção textual

1 A LITERATURA E SUA FUNÇÃO HUMANIZADORA

Esse trabalho visa utilizar a literatura não somente como uma prática-didático-pedagógica, mas também destacar a sua função humanizadora, explorar as modalidades linguísticas, despertar o gosto pela leitura, conhecer autores clássicos e levar o educando a uma reflexão crítica. Pois por meio dela, concretiza-se a manifestação cultural e social de um povo.

Parafraseando Todorov (2012), a literatura leva a descoberta de novos mundos que nos colocam em continuidade com novas experiências e nos permite melhor compreendê-las, amplia o nosso universo, instiga-nos a imaginar outras maneiras de conhecê-lo, concebê-lo e organizá-lo. Ela torna o mundo real mais pleno e belo.

O contato com a literatura não muda o nosso espírito, mas sim o nosso íntimo. Muda mais o receptor do que as coisas recebidas, proporcionando-nos um novo saber, uma nova capacidade de comunicação. Portanto, quem a lê e entende, compreende a própria condição humana.

As informações, as ideias transmitidas por ela, antes de serem compreendidas são sentidas, ou seja, o discurso tem impacto racional e se canaliza interiormente, por isso não se pode limitar o trabalho somente à interpretação, porque antes disso vem à apreciação. O texto, o livro não é igual para cada leitor, pois essa apreciação ou não é subjetiva, sendo assim, não podemos tomar a literatura apenas como uma forma de entretenimento, pois sabemos que uma de suas funções humanizadoras é ser instrumento de comunicação e interação social, é expressar os sentimentos humanos.

1.1 LITERATURA, EXPRESSÃO DO SER HUMANO

A literatura é a expressão do ser humano e está relacionada ao tempo, à cultura e às tradições. Segundo Candido (2011, p. 176), “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção das grandes civilizações”, ela permite, entre outras coisas, “sair do mundo real para o imaginário”. Além disso, proporciona prazer, provoca a reflexão e suscita inquietações. Ela não modifica a

realidade, mas devido a registros passados, ajuda a compreender o presente.

A ela faz parte o uso estético da palavra em prosa e verso, explora todos os potenciais sonoros, semânticos e sintáticos, estabelece jogos linguísticos com sentido denotativo e conotativo, além de ser uma ferramenta de comunicação, de educação e de instrução. Para Candido (2011):

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entretanto nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os considera prejudiciais, estão presentes nas diversas, manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2011, p. 177).

A literatura, ao mesmo tempo, representa a realidade e a subverte, denuncia os problemas sociais e funciona como escapismo para os mesmos, trabalha o intelecto e o fantástico, cria um universo paralelo e paradoxal. Nesse universo utópico criado por meio da literatura, o que a distingue do literal e não literal é a forma, a estética, a estilística e o conteúdo. Ela é capaz de subverter as coisas, dar valor ao que, para muitos, não tem valor, como diz Manoel de Barros (2014, p. 03): “Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes [...] Sou um apanhador de desperdícios”.

A literatura é transformadora, mutável, didática, pedagógica, prazerosa, psicológica, é a representação do ser humano e do mundo por meio da arte. Ela permite ao homem se conhecer melhor e ao mundo à sua volta, permite transmitir experiências, amplia o nosso horizonte, ajuda a pensar e nos permite interagir com outras culturas.

1.2 A FUNÇÃO DA LITERATURA

A função do texto literário não é apenas ser objeto de interpretação (todos os textos são) ou para o estudo da gramática (o que ocorre, na maioria das vezes). Sua função é fazer com que o leitor descubra o seu sentido e todo objeto cultural é portador de sentido, e o texto literário é um objeto cultural carregado de significação, além de ter uma especificidade e um valor. O texto literário traz a ideia de singularidade, de um sentido próprio que chamamos de compreensão, leitura e interpretação e, para isso, deve-se levar em conta o campo da polissemia, da semântica, o sentido literal e secundário, e a linguagem conotativa e a

denotativa. Mas, afinal, o que é esse sentido? Umberto Eco (apud JOUVE, 2012, p. 56) distingue o sentido em: “sentido pretendido pelo autor, sentido manifestado pelo texto e o sentido captado pelo leitor”.

O sentido pretendido pelo autor está em nos apresentar um texto por meio de uma sensibilidade particular. Para a compreensão desse sentido particular, é necessário conhecer o contexto da escrita, pois não existe coincidência entre o sentido linguístico e o sentido da enunciação. No entanto, descobrir o sentido pretendido pelo autor está longe ser fácil ou claro, pois nem sempre o texto literário resulta de uma intenção ou, ao escrevê-lo, havia consciência da sua intenção. Segundo Jouve (2012):

Se concordarmos com a ideia de que o autor nunca está inteiramente presente a si mesmo e de não há necessariamente uma distância entre uma intenção e sua realização afetiva, teremos de reconhecer que o leitor se confronta menos com o sentido pretendido e mais com o sentido que o texto tem de fato. Deduzir dos sentidos diversos e variados veiculados pelo texto aquilo que o autor tinha exatamente a intenção de significar já é adivinhação (JOUVE, 2012, p. 59).

A intencionalidade do autor nem sempre é a mesma do leitor devido ao caráter afetivo, sendo assim, o que tem pertinência não é o sentido pretendido, e sim o sentido imanente ao texto. Parafraseando Jouve (2012), todo leitor tenta construir ou reconstruir o sentido a partir do texto que está sendo lido, pois assim assume o papel de enunciador e esse processo é inerente a toda situação de comunicação.

O sentido percebido ou o sentido de um texto é resultado de uma seleção mais ou menos consciente, porque toda leitura é parcial e seletiva e, em um primeiro momento, é inevitável que um ou outro sentido nos escape, como também a cada nova leitura o sentido se renova. A leitura de um texto literário é pré-selecionada, pois estão imbricadas questões implícitas, subjetivas e interpessoais, como sugere Jouve (2012, p. 61): “A conclusão a que chego é que as interpretações de um texto são pré-orientadas pelo sentido que se busca: toda leitura é inevitavelmente marcada pelos hábitos, expectativas e hipóteses da ‘comunidade interpretativa’ da qual o leitor é membro”. Procuramos textos que satisfaçam nossos anseios e inquietações e, até mesmo, quando não os escolhemos, e sim nos são postos, ao lermos, estabelecemos pré-conceitos, porque por detrás está todo um aparato cultural do leitor.

O sentido manifesto ou sentido intencional não está diretamente relacionado à intenção do autor, pois há uma intenção prévia à escrita e uma intenção contemporânea à escrita, ou seja, a intenção evolui no decorrer do processo da criação e o resultado do texto não é fruto

daquilo que o autor quis dizer, mas daquilo que foi dito. Como defende Jouve (2012, p. 70): “A intenção do texto não se confunde, então, com a intenção do autor real, mas com a intenção do ‘Autor modelo’, que é exatamente uma reconstrução do leitor a partir dos dados pessoais”. O autor, ao produzir, pode ter tido uma intenção ou não, que é completamente diferente da qual fez o leitor se interessar pelo texto, pois por trás das intenções do leitor estão os aspectos sociais e culturais.

Outro elemento importante para a construção do sentido do texto literário é o contexto histórico, pois ali estão imbricados aspectos sociais e econômicos da época em questão. O período em que o leitor entrou em contato com o texto também pode influenciar na construção do sentido, além de seu conhecimento prévio e do que é atribuído ao texto. Será que ao elaborar o livro didático leva-se em consideração o contexto social, o aspecto histórico e as questões culturais?

1.3 A LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO

A literatura faz parte do nosso ser, pois nos reconhecemos nos textos lidos. As angústias e os sofrimentos das personagens também são os nossos, assim como suas alegrias e êxitos. A obra chama a atenção não apenas pelo caráter estético, mas sim por poder se identificar com ela ou com alguma das personagens que a compõe. Assim, o leitor imagina-se dentro da obra e, com a leitura, passa a vivenciá-la, torna-se parte da história. Isso acontece tanto com crianças quanto com adultos, porque é o que torna a obra, a literatura e a leitura fascinantes.

Desse modo, encontra-se na literatura uma maneira de compreender a si mesmo, o mundo e estabelecer uma crítica social. Como esclarece Arguelho (2010, p. 09): “Ela nasce da necessidade de os homens, desde as origens, registrarem e compartilharem suas experiências, fantasias e, mais do que isso, valores e ensinamentos, transmitindo-os para as gerações vindouras.” Uma obra tem muito mais valor do que somente o estético. Seu verdadeiro valor está em compreender o próprio ser humano e a sociedade.

Deve-se ter precaução com obras que não têm nenhum valor estético, cuja linguagem é pobre, cuja preocupação é somente tratar dos problemas da sociedade, tais como: drogas, sexo, relacionamentos, etc., esquecendo-se de encantar ao leitor. O mágico e o maravilhoso não estão relacionados aos problemas sociais. No final feliz, na princesa ou no príncipe estão

a maneira como o enredo desenvolve-se, como o imagético é explorado e na sensibilidade da organização da história, porque o caráter pedagógico de uma obra não a desvia do caráter estético ou a reduz, muito pelo contrário, a estética traz conhecimento.

Mas com o intuito de didatizar os conteúdos escolares, houve a necessidade da criação do Manual Didático, no século XX, que veio suprir a carência de conhecimento por parte dos professores e de obras clássicas nas escolas, estando tudo isso aliado ao período manufatureiro. Como explica Arguelho (2010, p. 77): “O manual didático surge com as manufaturas, obedecendo à lógica manufatureira, e com a tarefa de didatizar o conteúdo escolar para que seja mais bem digerido pelos alunos, perante a escassez de obras clássicas nas escolas e a carência de conhecimento dos professores”, ou seja, monopolizaram a leitura na escola, já que o manual didático está voltado para o desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo, reforçando a teoria comeniana que vigora até hoje de que “a preocupação é com a técnica da leitura e não com o conteúdo de literatura que compõe a língua.” (ARGUELHO, 2010, p. 78).

O que é um erro, pois a leitura é um instrumento para a aquisição de novos conhecimentos, já que a materialização de uma língua se dá por meio da fala de um povo e sua literatura. No entanto, a escola está preocupada em letrar os educandos, de acordo com as necessidades de mercado, e essa é a base do manual didático: formar indivíduos para o trabalho. Para Arguelho (2010):

No máximo instrumentaliza o aluno de forma rudimentar para um suposto mercado, quando seria mais útil e oportuno desenvolver uma didática que o conduzisse a reflexão acerca da relação homem, trabalho e sociedade. Isso exigiria um tipo de leitura e de material de leitura que, decididamente, não estão presentes nos textos e orientações propostos pelos manuais didáticos (ARGUELHO, 2010, p. 79).

O mercado de trabalho busca indivíduos com várias habilidades e competências, ou seja, polivalentes, que é a necessidade do mercado produtivo. O estudo da literatura leva a desenvolver essas habilidades e competências, juntamente com o trabalho interdisciplinar.

Mas a escola anda de mãos dadas com a indústria mercadológica. Ela se junta ao pragmatismo das massas e às exigências do mercado e, com isso, os textos literários são adaptados para fins pedagógicos e lucrativos, como ressalta Arguelho (2010):

A sociedade que fundou as línguas nacionais, que com a tecnologia tipográfica ampliou a produção da literatura e a transformou em mercadoria, estimulando seu

consumo e criando um público leitor, está desmanchando-se e, com ela, sua literatura. E a escola expressa como ninguém essa dissolução, tanto na didática como nos instrumentos que utiliza (ARGUELHO, 2010, p. 79).

Essa mesma sociedade fidará com a literatura, haja vista a falta de compromisso para a seleção de textos desses manuais. Estes utilizam o texto como pretexto para o estudo da gramática. Desse modo, os jogos de semântica e sintaxe, os desvios na estrutura e as digressões ficam em segundo plano.

Os textos do livro didático de cunho literário, como: poema, história de ficção, contos e crônicas são instrumentos de aprendizagem para as aulas de Língua Portuguesa (leitura e interpretação de texto; estrutura do texto; ritmo e rima; metrificacão; enredo etc.), ou seja, o texto é explorado de forma mecanizada, uma ferramenta para compreensão de significado, como afirma Fernandes (2001):

O incremento dos estudos da linguagem, ainda se encontra, como fundamento de muitas atividades pedagógicas sugeridas nos livros didáticos, uma concepção mecanicista de leitura como desempenho de habilidades para reconhecimento de signos e extração de significados prontos. O texto é visto, neste caso, como um depósito de significados predeterminados, aos quais os alunos deverão chegar por meio dos exercícios de compreensão de leitura (FERNANDES, 2001, p. 167).

O que é um equívoco, porque o texto literário tem uma gama de conteúdos a serem explorados. Além dos jogos de palavras e significados, há o imagético e subjetivo, transporta para o irreal e incompreensivo, tem caráter social e humanizador e permite desenvolver diferentes habilidades de leitura, ver o mundo com outros olhos. Ter a leitura para simples compreensão é matar o que o texto literário tem de mais rico, mas isso, de fato, não ocorre, pois para Arguelho (2010, p. 80), “usam o texto literário para extrair questões interpretativas de pouca monta, que vão além da superfície do texto, ou questões gramaticais, em vez de conduzir o aluno à compreensão de elementos estéticos da obra e, por meio deles, ao entendimento do homem e da sociedade”. Devem-se explorar as ideias que estão à margem do texto, transportar o aluno para a época em que foi criado, as circunstâncias sociais que o circundam e, o principal, desenvolver o gosto pela leitura. Para Fernandes (2001):

A leitura é indispensável para a aprendizagem de todas as áreas do conhecimento, envolvendo problemas fonéticos, semânticos, culturais, ideológicos e até filosóficos. Essencial na aquisição e organização do saber em geral, a leitura não pode ser confundida com o reconhecimento de palavras ou mesmo com a compreensão superficial e simplista, que se obtém com a habilidade de decodificação literal, por

meio das famosas “perguntas de compreensão do texto”. Tais exercícios auxiliam o aluno na identificação de estruturas linguísticas, não asseguram ao leitor o papel ativo que deve ter na construção dos múltiplos sentidos que o texto literário comporta (FERNANDES, 2001, p. 168).

Porém, mesmo com o avanço das tecnologias informacionais, os conteúdos dos livros didáticos estão aquém de atender às necessidades de leitura dos educandos. Outro problema é que a prática de leitura não ocorre no interior das escolas e está mais vinculada a um *hobby* do que a uma prática educacional. Arguelho (2010, p. 84) faz essa reflexão: “Crítica a escola, que fica no meio do caminho quando habilita o aluno à leitura por meio da alfabetização e não o transforma em leitor, não desenvolvendo nos anos seguintes, um programa sistemático de leitura”, ou seja, a culpa não é somente do livro didático, mas também da escola e, principalmente, do professor que não instiga o aluno a ler, não desenvolve no alunado o gosto pela leitura e nem o transforma em um leitor.

Outro agravante para a não realização da leitura e da literatura no interior da escola são as poucas bibliotecas ou a total falta delas, sendo que, em muitos casos, quando as têm, funcionam mais como depósitos de materiais, quando não transformadas em uma sala de aula para atender à demanda de alunos ou sala de funcionários readaptados, que se afastaram de suas funções em sala de aula por não poderem estar em contato com os educandos. Então, como esses professores readaptados irão realizar bons projetos ou qualquer tipo de projeto se foi exatamente o contato com os alunos que os afastou de suas funções?

O acervo, em sua maioria, é composto por manuais didáticos, livros que trazem reflexões sobre os problemas sociais e os poucos que exploram o imagético advém de doações. Outro agravante é utilizar a biblioteca como um espaço para a punição.

Já que esse espaço não existe dentro da escola ou não é adequado, transformar-se-á a sala de aula nesse lugar mágico e de interação com a leitura e exploração da literatura, mas daí, deparamo-nos com o problema dos livros didáticos, que são adotados e exigidos pelo MEC, e que todos os anos são distribuídos gratuitamente nas escolas. Os conteúdos dos mesmos são exigidos pelos coordenadores que, por sua vez, são cobrados pela Secretaria de Educação, o que leva a uma indagação:

[...] e o livro de histórias, esse objeto mágico, de leitura, em que as fadas, com sua varinha de condão, transformavam abóboras em carruagens e ratinhos em cavalos garbosos, em que o beijo do príncipe despertou a princesa que dormia um sono secular? Que fim levou? Onde foram para o espelho da madrasta da Branca de Neve, a magia do tapete voador, as botas que num passo faziam sete léguas? Por onde

andarão João e Maria depois que fugiram da bruxa? Cresceram? Casaram? Viveram felizes para sempre ou já se divorciaram? Em que mares se terão perdido Marco Polo, Crusoé e Gulliver? Onde reinará Narizinho? No poderoso universo da Rede Globo. As obras disputam espaço, em desvantagem, com as variadas propostas supostamente inovadoras, com o material enviado pelas Secretarias de Educação locais (ARGUELHO 2010, p. 87).

Com isso, o livro didático normatiza a Educação em sala de aula, ao mesmo tempo, em que julga e dá a sentença, e a leitura que deveria ocorrer no interior da escola não acontece e se estende ao lar. Mas, em casa, a criança é sufocada por atividades do mesmo livro didático ou a televisão orienta a sua leitura, papel esse que deveria ser do professor ou a substituir.

A literatura, por meio da leitura, contribui para a formação da personalidade e do caráter da criança. A leitura dos clássicos e da literatura brasileira e universal oportunizará aos educandos o contato com um valioso patrimônio cultural e isso não é retroagir no tempo ou na forma de ensinar, mas sim proporcionar civilidade e dar ao aluno aquilo que lhe é de direito, e não atividades com simples recortes de textos destituídos de significados, bulas de remédios, receitas de bolos, cruzadinhas e exercícios de interpretação superficial. Para a maioria dessas crianças, principalmente as de classe social menos favorecida, a sala de aula é ou será o único espaço com a qual ela terá contato ou a oportunidade de leitura dos clássicos. Então, não se pode deixar de oferecer o que a literatura tem de mais belo, que é o fantástico, o maravilhoso e o mágico, como sugere Arguelho (2010):

Esse universo impregnado de encanto atua de maneira indelével na formação das crianças, na medida em que, por meio de recursos mágicos, as personagens modeladoras superam as dificuldades encontradas. Tornam-se assim, suportes para que as crianças, alicerçadas nesses modelos, se sintam confiantes para realizar suas tentativas de superação das dificuldades. Depois, há reconstituição e o confronto dos valores das sociedades, presentes em cada obra representativa de seu tempo, que vão forjando, nas crianças, o caráter e o espírito crítico, mesmo sem elas terem consciência disso (ARGUELHO, 2010, p. 93).

Mediante isso, não se pode negligenciar aos nossos alunos os clássicos, pois a humanidade e a sociedade não surgiram do dia para a noite, e sim foram formadas e construídas com o passar dos anos, e negar essa patrimônio cultural à criança é refutar a própria condição humana.

1.4 POR QUE LER OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS?

Mas, afinal, por que ler os clássicos? Os clássicos são atemporais, são fontes de conhecimento sobre o ser humano e ajudam a compreender a sociedade atual. Eles trazem registros históricos e culturais que inspiram o homem e forjam a sua trajetória de vida. Trazem conceitos e ideologias que nos leva a reflexões. Para Arguelho (2010):

Clássicas são aquelas obras de literatura, de filosofia, de política etc. que permaneceram no tempo e continuam sendo buscadas como fontes de conhecimento. E continuarão desempenhando essas funções pelo fato de terem registrado com riqueza de minúcias e muita inspiração as contradições históricas de seu tempo. Elas são produções ideológicas, pois estreitamente ligadas às classes sociais e aos interesses que delas emanam, mas também são meios privilegiados e indispensáveis para que o homem reconstitua a trajetória humana e descubra o caráter histórico de todas as coisas que produz (ARGUELHO, 2010, p. 94).

As obras clássicas contêm a essência do ser humano, destacando-se pela beleza estética ou pela forma detalhada de descrever as contradições humanas, ou por ambas. Elas testemunham a história, a criação do mundo e servem como fonte de inspiração para recriar o novo mundo. Como assevera Calvino (1993, p. 11): “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Ele leva o homem a refletir, não trazendo a resposta pronta e acabada, mas faz com que o ser humano, a partir do contato com os clássicos e de suas experiências de vida, chegue cada um a uma conclusão, de acordo com a sua realidade social e a época em questão. Calvino (1993, p. 11) pondera que: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo contigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem e costumes)”.

Através dos clássicos, conhecem-se outras sapiências e condutas. Ao entrar em contato com essas culturas e costumes, pode-se reconhecer nelas, contradizê-las e criticá-las e, assim, deixar o estado de inércia para entrar em estado de motilidade.

É papel da escola possibilitar que alunos conheçam certo número de clássicos, dar instrumentos para que os mesmos possam realizar suas escolhas e ter suas predileções, proporcionar um ambiente adequado para que o ato de ler seja prazeroso, pois, como afirma Calvino (1993, p. 10): “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas obras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo e individual”. Toda primeira leitura de um

clássico é uma leitura de descoberta, sendo assim, não pode ser negligenciada aos alunos.

O primeiro passo é despertar no aluno o gosto pela leitura, para que, por meio da literatura, possa sentir na medida em que a obra o alcança. As habilidades de leitura e escrita solidificam-se a partir dos muitos livros lidos, e esses, por sua vez, precisam de uma boa linguagem, com riqueza estética e a construção do enredo. O contato em demasia com a leitura levará o aluno a ter consciência crítica. É verdade que na juventude falta certa maturidade literária para a devida compreensão e apreciação de um clássico, pois o mesmo faz uma inter-relação entre a ficção, o que é real, a história e a cultura.

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude (CALVINO, 1993, p. 10).

Por isso, o professor deve trabalhar com gêneros literários diversos, possibilitando ao educando a aquisição de competências leitoras, utilizando textos que se relacionam com as imagens, despertam diferentes sentimentos, levando o aluno a novas experiências. Com isso, os alunos poderão emitir ideias e opiniões, saibam estabelecer critérios próprios de preferências, assim, podendo selecionar aquilo que querem ler, sendo-lhes possibilitado participar na sala de aula de atividades de leitura compartilhada.

A escola é o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegia-se a leitura, pois de maneira mais abrangente, ela estimula o exercício da mente. A percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamização do estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente (PEREIRA, 2007, p. 02).

A escola deve ser esse espaço onde o aluno irá mergulhar no mundo das letras, dos contos de fadas, do imagético e do fantasioso, cujas múltiplas linguagens se encontram na literatura, sendo por meio dela que esse universo de encantamento lhe será apresentado.

1.5 A LITERATURA NA ESCOLA

A escola deve privilegiar a leitura, pois, por intermédio dela, o aluno atribui significados pessoais influenciados pelo contexto, interferindo na compreensão. Ler não é só o decifrar de grafemas e morfemas, é compreender o significante e o significado, é estabelecer sentido e, ao mesmo tempo, ser influenciado e influenciador. Por isso, o educador tem que proporcionar ao aluno os mais variados tipos de informação (leitura), o que colaborará para a formação do ser. Essas informações serão transformadas em conhecimento, que o ajudarão a compreender o mundo à sua volta, a partir de uma percepção particular, pois o ato de ler é a ação de interagir com o outro e com o mundo, em relação a um determinado contexto.

Nesse mesmo caminho, Souza (1992) afirma que:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1992, p. 22).

Ler é ter atitude, é tomar posse do conhecimento e, como é uma ação individual, é autoavaliar-se baseado nas experiências pessoais e refletir acerca do que foi lido.

Sendo assim, desde a infância, a literatura é primordial para o desenvolvimento da criança, pois além do mágico e do fantástico, ou por meio deles, ela estimula a criatividade e mostra que o mundo é feito de obstáculos, mas que, com esforço e dedicação, é possível superá-los. Para Arguelho (2010):

A criança transportada desde a mais tenra idade para as grandes literaturas, que junto de Aquiles combateu Troia; que fez companhia a Ulisses quando este, por amor à família e a Ítaca, desafiou os mares, vencendo cada obstáculo; que atravessou o Oriente num tapete mágico e adentrou o Sítio do Pica-Pau Amarelo - essa criança, por si só, no futuro, aprenderá a passar incólume pelos problemas que a vida nos impõe a todos. E o fará porque percorreu o caminho das grandes literaturas, com elas amadureceu, vivendo na fantasia situações que exigiam das personagens a superação de situações, conflitos e dilemas, e aprendeu com elas a transpor obstáculos (ARGUELHO, 2010, p. 98).

O estabelecimento de ensino deve ser esse local de construção do leitor, é nele que a criança deve ter esse contato individual e particular com o livro que, por sua vez, irá mostrar-

lhe a vastidão do mundo, permitirá alcançar lugares nunca antes imaginados e, pelo enredo em que se constrói a história, perceber e identificar todas as questões humanas.

A literatura infantil na escola deve ser utilizada como forma de entretenimento ou para instruir? Essas são questões inerentes dentro do ambiente escolar, sobre as quais e Silva (1991) destaca que:

E é exatamente este tipo de leitura o mais prejudicado no ambiente escolar devido às próprias distorções existentes no nosso sistema de ensino. Ao invés do prazer, levantam-se o autoritarismo da obrigação, do tempo pré-determinado para a leitura, da ficha de leitura, da interpretação pré-fixada a ser convergentemente reproduzida (como se isso fosse possível!) pelo aluno-leitor e outros mecanismos que levam ao desgosto pela leitura e à morte paulatina dos leitores (SILVA, 1991, p. 55).

Para a criança, a leitura deve ser fonte de prazer, um lazer e não uma obrigatoriedade. Primeiro, ela precisa ser utilizada para divertir, sendo que o instruir acontecerá de forma subjetiva. Rocha (1983) compartilha dessa ideia quando afirma que:

[...] a leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de 'mensagem'. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia ser posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse de uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato - 'É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre' (ROCHA, 1983, p. 04, grifos do autor).

O professor não pode permitir a ausência da literatura na escola, visto que esse valioso patrimônio é um legado. Caso isso aconteça, destruirá na infância, hoje, os homens e mulheres do futuro. O professor não deve se manter preso somente aos manuais e livros didáticos ao lecionar, pois tem autoridade, autonomia e o dever de resgatar a magia do livro.

Por essa razão, uma pedagogia de combate ao livro didático empobrecedor impõe como metodologia fundamental e como instrumento de compreensão do mundo, de forma mais abrangente, não só a leitura da literatura brasileira, como também a dos clássicos universais, em sala de aula. A superação do trabalho didático escolar, na qual a leitura de obras clássicas deverá ser o recurso por excelência para orientar o trabalho docente e recuperar o conhecimento que permita compreender a natureza histórica de todas as questões humanas (ARGUELHO, 2010, p. 100).

Para tanto, a pluralidade dos textos literários eleva a competência linguística do leitor, o vocabulário e faz com que o mesmo se aproprie da escrita como prática social. Como afirma Cosson (2014, p. 16): “A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita”. A literatura perpassa por todas as disciplinas e campos do saber, por isso deve ter maior relevância dentro do livro didático, já que o mesmo explora ou deveria explorar a linguagem formal e informal, a intertextualidade, o tradicional e o popular. Como sugere Fernandes (2001, p. 167), o livro didático “deve promover a reflexão intertextual, levando a criança a estabelecer relações entre a linguagem literária e outras formas de discurso, a tradição culta e a popular, entre sua aula de leitura e as demais disciplinas, enfim, entre as atividades escolares e a própria vida”.

Contudo, isso não ocorre, de fato, visto que a literatura, que outrora era utilizada para ensinar normas e costumes, educar moral e socialmente o povo e, até mesmo, já foi sinônimo de ascensão social, pois somente quem tinha acesso era a elite, está cada vez mais distante da escola e isso reflete diretamente nos livros didáticos. Se não fosse uma disciplina obrigatória, não estaria mais presente dentro das escolas.

Segundo Cosson (2014, p. 20): “Para muitos professores e estudiosos da área de letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI”. A literatura ainda está presente nas escolas devido à obrigatoriedade do currículo, pois, há tempos, deixou de ser considerada erudita e fonte de conhecimento.

Mas isso não pode acontecer, pelo contrário, o texto literário tem de estar presente na escola, seja por meio do livro didático, seja por intermédio do professor, pois explora as diversidades discursivas, estabelece relação com o contexto social dos educandos, além de ampliar o universo do aluno e a livre expressão. Para Fernandes (2001, p. 167): “Os textos selecionados para um livro didático devem configurar uma pluralidade de discursos, coerente com a diversidade linguística própria do contexto cultural dos alunos”. Eles devem ser o mais variado possível, explorando as diferentes formas de comunicação, para que assim os alunos possam abstrair ideias e comunicar conceitos. Por esse motivo, introduziram-se na Rede Municipal de Educação as aulas de Iniciação aos Estudos Literários.

1.5.1 Introdução das aulas de Literatura na Rede Municipal de Educação

A partir da Lei Complementar n.º 208 de 27 de dezembro de 2012, que trata sobre a ampliação para 1/3 da hora-atividade do professor da Rede Municipal de Ensino e foi publicada no Diogrande n.º 3.671 de 28 de dezembro de 2012, página 1. A nova legislação altera a Lei Complementar n.º 19 de 15 de julho de 2008 que institui o plano de carreira e remuneração do magistério público da prefeitura municipal de Campo Grande/MS e dispõe sobre a implantação da hora-atividade dos professores, ou seja, altera o número de horas-aula em sala e de planejamento.

Essa lei passou a valer no próximo ano letivo vigente (2013), desse modo, para enquadrar-se na lei, a SEMED (Secretaria Municipal de Educação) criou a disciplina de Iniciação aos Estudos Literários, pois o professor passa a ter direito a sete (7) horas-aula de planejamento e treze (13) horas-aula em sala. Entretanto, não foi disponibilizado qualquer suporte técnico, como: ementa curricular, plano anual de ensino que contemple a disciplina, capacitação e material de apoio (material didático). Cada professor deveria contemplar a disciplina dentro do seu Plano Anual de Ensino, assim como dividir os conteúdos a serem trabalhados dentro de cada bimestre.

O trabalho com a disciplina de Iniciação aos Estudos Literários, que possui pouca quantidade de horas-aula mês, resume-se a introduzir o que é literatura, sua importância, aspectos sociais e históricos, além do trabalho com sonetos (métricas, rimas e ritmo), cantigas (de amor, de amigo, de escárnio e maldizer), Trovadorismo, Humanismo e Classicismo. Diante disso, há a necessidade de trabalhar, de forma inovadora, a disciplina de literatura na Rede Municipal de Ensino.

Para isso, deve-se primeiro despertar o gosto pela leitura e pela literatura, trazendo obras com as quais os alunos estejam mais familiarizados e que façam parte do seu universo, para depois lhes apresentar aos clássicos. Após, deve-se despertar o gosto pela leitura e a curiosidade, levá-los a conhecer autores regionais e aprender mais sobre a cultura sul-mato-grossense.

1.6 LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE

A literatura, em sua essência, é humanizadora e o conhecimento literário é produzido

historicamente. Mas, qual a prática cultural de um estado novo? Essa foi uma das inquietações que surgiram com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977: ter uma identidade cultural, na busca dessa autoafirmação. Para resolver tal questão, foram feitas duas reivindicações. A primeira deu-se pelo Conselho de Educação do Mato Grosso do Sul, Parecer n.º 235/2006, sobre a inserção da cultura sul-mato-grossense na Educação Básica do Sistema Estadual de Ensino. Na ocasião, reuniram-se em audiência popular a Secretaria Estadual de Cultura e Fundação de Cultura, os representantes das escolas públicas, privadas e universidades, além dos segmentos artísticos e culturais, sendo que todos contribuíram para a composição do seguinte texto:

A educação brasileira tem buscado atender a diversidade presente no país nas mais diversas áreas, portanto entender a perspectiva fundamental da educação é entender como se processa o surgimento e o desenvolvimento de determinado processo cultural ou, mantendo-nos na imagem da teia, é ir à cata dos fios que tecem qualquer processo cultural, e das leis que regem o seu trançar. É ir à cata do mundo humano, em cujo ventre se processa a educação historicamente situada (PARECER N.º 235/2006 DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO).

O objetivo deste Parecer é a inserção de conteúdos que expressem a cultura e a literatura regional no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. Por conseguinte, o presente documento foi organizado sob vários aspectos, entre eles: legais, históricos e pedagógicos. Vejamos a particularidade de cada aspecto que sustenta essa proposição.

1.6.1 Aspectos Legais

A Constituição Federal de 1988, no Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto, evidencia a proximidade entre essas três áreas. A Seção II, que se refere especificamente à cultura, conta com dois artigos.

Art. 215 - O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Art. 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

A literatura é um bem imaterial, pois faz parte da cultura de um povo, sendo assim, a

sua aplicação e manutenção é garantida tanto pela Constituição Federal quanto pela Constituição Estadual.

Constituição Estadual, Capítulo III, Seção II, Da Cultura: “Art. 202 - O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes de cultura nacional, estadual e municipal, apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

O Estado deve promover atividades culturais para a população e disseminar a cultura local, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB n.º 9.394/96:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Cada estado tem que contemplar a cultura local no seu Plano Estadual de Educação, para que assim mantenha vivo o folclore, os costumes e tradições de seu povo.

O Plano Estadual de Educação, aprovado pela Lei n.º 2.791, de 30 de dezembro de 2003, nas dimensões do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Superior, a necessidade de implementação de estratégias para promover a valorização e incentivar a produção de materiais didáticos com o intuito de resgatar e privilegiar a cultura regional.

A Lei n.º 3.187, de 20 de março de 2006, que altera a Lei Estadual n.º 2.787, de 24 de dezembro de 2003, dispõe sobre o Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. E passa a valer o Art. 60 o qual estabelece que a disciplina de Literatura Brasileira, obrigatoriamente, deverá incluir em seu conteúdo a Literatura Regional, deste modo a que se relevaram os aspectos culturais da sociedade.

1.6.2 Aspectos Culturais

O aspecto cultural está relacionado a diferentes costumes de uma sociedade, cujas manifestações e costumes produzem a cultura. Esta só existe devido à existência do homem, sendo assim pública, porque o ser humano a produz a partir de suas crenças, moral, arte e

costumes. Ela é produzida ao longo do tempo, pois a história é um ambiente criado pelo homem e esse ambiente é momentaneamente estável, mas, ao mesmo tempo, dinâmico, pois está em constante evolução e, conseqüentemente, a cultura está em constante transformação, Com isso, ela interfere na maneira de agir e pensar do ser humano e que, ao mesmo tempo, é o seu criador e, ao ditar regras e normas, passa a ser dominado por ela.

A cultura é o processo histórico (e, portanto, de natureza dialética) pelo qual o homem, em relação ativa (conhecimento e ação) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, constituindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas e realizando-se como homem neste mundo humano (PARECER 235/2006).

Nesse sentido, a cultura pode ser vista como uma visão do mundo e de si mesma, porque o homem está inserido nela; uma cultura não anula a outra. Ela pode subvertê-la, sendo assim, uma cultura não deixa de existir por completo e sim o que muda são os valores humanos.

Menegazzo (2003) apropria-se de Chauí e Novaes (1994) para definir cultura, especialmente a cultura regional, apresentando-a como:

1 Criação social de valores, ideias, símbolos, comportamentos e práticas diferenciadas segundo classes e grupos sociais; segundo diferenças étnicas, religiosas e de gênero, bem como diferenças regionais (sentido antropológico); como preservação da memória social objetiva (patrimônio histórico) e subjetiva (memória social de lutas, experiências e cotidiano); 2 Trabalho de experimentação e de criação da inteligência crítica e reflexiva (obras de pensamento) e da sensibilidade, inteligência e imaginação (obras de arte), bem como de novos instrumentos e técnicas para a preservação da memória social (patrimônio histórico); 3 Direito do cidadão de acesso aos bens culturais, à informação e à criação de obras de arte e de pensamento (PARECER 235/2006).

Sendo assim, o patrimônio cultural de um povo é a cultura e nela está inserida a música, o teatro, as artes plásticas, o artesanato, as manifestações étnicas e a literatura. A criação de um estado novo, não exclui a cultura desse povo apenas passa a compartilhá-la. O regionalismo não é marca de exclusão, pois a cultura tem caráter plural e ter contato, ler e compreendê-la transporta o leitor para outro espaço que, por sua vez, cria uma nova imagem a partir de suas referências culturais, assim, produz conhecimento; desse modo, a cultura regional tem caráter pedagógico.

1.6.3 Aspectos Pedagógicos

A cultura tem relação com o ensino aprendizagem, pois todo ser humano cria e propaga a sua cultura, sendo assim, as manifestações culturais estão presentes no ato de aprender. E o professor a utiliza como caráter pedagógico para contornar e explicar certas situações e comportamentos humanos. Por isso, o estado deve promovê-la e propagá-la por meio dos componentes curriculares.

A Educação Básica do Estado pode promover o acesso à cultura local por meio da inserção de aspectos culturais sul-mato-grossenses em todas as áreas do conhecimento. Essa inserção será primordial para a consolidação da cidadania do povo do Mato Grosso do Sul.

Um exemplo que pode ser utilizado para ilustrar a introdução da sapiência sul-mato-grossense e dar a ela caráter pedagógico é o trabalho didático com a música *Trem do Pantanal*, composta por Paulo Simões e Geraldo Roca e interpretada por Almir Sater:

Enquanto este velho
trem atravessa o
pantanal As estrelas
do cruzeiro fazem
um sinal

De que este é o melhor caminho
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal

O povo lá em casa
espera que eu mande
um postal Dizendo que
eu estou muito bem
vivo

Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Enquanto este velho
trem atravessa o
pantanal Só meu
coração está batendo
desigual

Ele agora sabe
que o medo
viaja também
Sobre todos os
trilhos da terra

Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Nela é possível trabalhar conteúdos de história, utilizando-se da origem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, quando veio para o, até então, Estado de Mato Grosso e quem a trouxe, demonstrar para o educando que a necessidade da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB, popularmente conhecida como Trem do Pantanal) surgiu na Guerra do Paraguai (1864 - 1870). Após o anúncio da guerra, o primeiro contingente brasileiro levou 8 meses para percorrer os 2 mil quilômetros entre a Capital Imperial e a vila de Coxim, que na época era província do Mato Grosso e que ,quando chegou ao seu destino, este já estava abandonado.

Ela pode ser utilizada para trabalhar de maneira interdisciplinar com diferentes disciplinas, como por exemplo, em Geografia para explorar as bacias hidrográficas e mostrar que o acesso entre o, até então, Mato Grosso e o litoral brasileiro só era feito por meio da navegação da bacia da platina e, para tanto, dependia das relações com o Paraguai e Argentina, aí a necessidade da Tríplice Aliança e dessa forma trabalhar o Pantanal. Em Economia, para verificar o impacto econômico na cultura local e no turismo, relacionando a importância da estrada de ferro e o Pantanal como ponto Eco Turístico. Na área de Língua Portuguesa, pode-se trabalhar o que é um postal, que era o único meio de comunicação da época, como produzi-lo, e fazer uma comparação com as diferentes formas de comunicação nos dias de hoje. Estudar o que é estrofe, rima e ritmo, examinar as ideias da letra da música, para isso desenvolver uma pesquisa sobre a mesma, explorando a interdisciplinaridade, e assim navegar por outras disciplinas como Geografia e História, pois a música Trem do Pantanal refere-se à história de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Aprofundando-se na letra, o Trem do Pantanal representa o progresso do ainda Mato Grosso, porque juntamente com os trilhos da estrada de ferro vieram muitos imigrantes. Como afirma Corrêa (1999, p. 50): “A estrada de ferro Noroeste do Brasil causou na verdade, vigoroso impacto na região Sul e fronteira mato-grossense, propiciando crescimento demográfico e um movimento mais intenso de ocupação de seus espaços vazios”. O Trem do Pantanal trouxe “todos os povos da terra”, ele é o responsável por toda essa miscelânea cultural que forma o povo sul-mato-grossense.

Na 1.^a estrofe o trem representa o ato de ir e vir, a viagem, seja essa como forma de fugir da “guerra”, que metaforicamente significa a ditadura militar, ou como forma de mudar de vida, em busca de novos ares. Na 2.^a estrofe, o termo postal, representa a forma de comunicação entre os fugitivos da guerra e seus familiares, já na 3.^a estrofe, o termo medo faz menção ao medo dos traficantes que utilizavam essa rota para o tráfico.

A música explora o ritmo por meio de palavras paroxítonas e a rima através de versos emparelhados, o trem do pantanal, que por sua vez passa por uma das maiores reservas ecológica do mundo, tem caráter saudosista, bucólico e pastoril. As estrelas do cruzeiro apontam para o novo mundo, o desconhecido, no caso a Bolívia, mas também tem caráter nacionalista, pois faz menção a nossa bandeira, maior símbolo patriótico de uma nação, ou seja, representa o escapismo, a fuga, mas sem deixar de adorar a pátria amada; “as estrelas do cruzeiro fazem um sinal” representa metaforicamente o sinal da cruz, onde o ser humano (o viajante) se benze pedindo proteção divina para a viagem.

É nessa perspectiva que, apenas para lembrar, faço referência à música de Paulo Simões, Geraldo Espíndola e Almir Sater, não só de temática, mas também de estrutura melódica, voltadas para as culturas de origem e de fronteira; a do Grupo Acaba, que recupera a cultura popular e pantaneira; a música urbana de Celito, Alzira e Jerry Espíndola, como também a de Geraldo Roca, Zé Geraldo e Márcio de Camillo, entre outros. Também a música erudita tem sido exercitada em Mato Grosso do Sul e, como exemplo, cito a Cantata Cênica Peabiru – a conquista do novo mundo, espetáculo de ópera criado a partir de poema de Lélia Rita Euterpe de Figueiredo; direção e música de João Guilherme Ripper (também autor da Cantata a Céu Aberto, a partir da poesia de Manoel de Barros), que reuniu as vozes de Cristina d’Ávila, Marcelo Coutinho e do Cora I da UFMS, regido pelo maestro Manoel Rasslan; o piano de Tunita Mendes e Priscila Bonfim; a percussão de Toninho Porto; a coreografia de Sonia Rolon e Maria Helen a Petengil com a Companhia de Artes Belforma Uniderp; a performance da Intrépida Trupe; as ilustrações de Humberto Espíndola e a direção e roteiro de vídeo de Cândido Alberto da Fonseca, que foi a público em novembro de 2000. O espetáculo Conceição de todos os Bugres reuniu a Ginga Companhia de Dança, uma das pioneiras na dança contemporânea no Estado e Beatriz de Almeida em coreografia de Luis Arrieta para contar a história de Continuação do Parecer Orientativo n.º 235/2006 9 Conceição dos Bugres, um dos maiores ícones da cultura sul-mato-grossense. Um espetáculo de rara sensibilidade permeado por música de Marlui Miranda e de J. S. Bach. No cinema, o nome de Joel Pizzini já não é mais sul-mato-grossense. O cinema de Joel trabalha com igual criatividade Manoel de Barros e De Chirico, por exemplo, não para contar-lhes a história pessoal ou artística, mas apropria-se dos mecanismos poéticos de cada um para compor suas imagens quadro a quadro.

Pautadas pelos princípios deste parecer, a escola pode enfatizar em suas atividades cotidianas artistas regionais e locais, de modo a valorizar a identidade cultural da comunidade em que a escola está inserida, para tanto, deve constar na proposta pedagógica da escola tais atividades. E para que essas ações pedagógicas culturais materializem-se dentro da comunidade escolar de forma efetiva e tenha reflexo na educação, o Poder Público deve realizar ações que venham propagar a cultura local, o que é uma de suas atribuições, conforme o Decreto n.º 12.382, de 17 de junho de 2014:

Art. 5.º - É responsabilidade do Poder Público Municipal, com a participação da

sociedade, planejar e fomentar políticas públicas de cultura, assegurar a preservação e promover a valorização do patrimônio cultural material e imaterial do Município de Campo Grande e estabelecer condições para o desenvolvimento da economia da cultura, considerando em primeiro plano o interesse público e o respeito à diversidade cultural.

Sendo assim, o Poder Público deve incluir em suas políticas setoriais o fomento da cultura municipal e aplicar recursos públicos destinados à cultura local, bem como financiar projetos culturais e buscar parcerias para a realização desses projetos.

1.6.4 Ao Poder Público

Cabe ao Poder Público promover seminários e congressos referentes à cultura sul-mato-grossense; realizar parcerias com instituições de Ensino Superior para a realização de cursos na área da cultura regional. Assim como, disponibilizar recursos necessários para prover tais operações; oferecer curso de capacitação para os professores da Educação Básica sobre o referido tema; produzir material didático.

Em 10 de outubro de 2006, a comissão representada na pessoa da Conselheira e Presidente Mariuza Aparecida Camillo Guimarães, Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mestre em Educação pela mesma universidade, atualmente é docente na referida universidade, relatora do parecer orientativo, juntamente com os demais membros Ana Margareth dos Santos Vieira, Ana Mércia Businaro Barroso, Cândida Dolória Diniz Santiago, Eliza Emília Cesco, Maria Cristina Possari Lemos, Maria da Glória Paim Barcellos, Maria Solange de Carvalho e Carvalho, Nelson dos Santos, Soila Rodrigues Ferreira Domingues, Vera de Fátima Paula Antunes e Vera Lucia de Lima julgaram favorável o parecer e aprovaram a implementação do regionalismo sul-mato-grossense nas disciplinas que compõe a educação básica.

1.7 REGIONALISMO

A literatura regionalista é importante, pois se fundamenta nos hábitos, costumes e tradições. Ela traz traços das peculiaridades locais, como modo de viver, marcas linguísticas, realidade social e características geográficas, pois permite ao leitor conhecer novas culturas e ecossistemas por meio da leitura.

Denominam-se obras regionais em prosa ou em verso as produções textuais em que o lócus da enunciação é o próprio lugar cultural, o lugar de origem, as características sociais, costumes e sua natureza, como afirma Machado Assis.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (CANDIDO, 2011, p. 368-369).

A literatura ressalta aspectos que espelham a sociedade, ela como comunicação expressiva, pressupõe algo diferente e mais amplo que a simples vivência do autor.

Ela pode ser o retrato de uma determinada região do país (centro urbano ou rural) na qual se traduz peculiaridades locais, traços históricos, sonoridades e dialetos. Antônio Candido classifica a narrativa regionalista em três fases: regionalismo pitoresco, regionalismo problemático e super-regionalismo.

O regionalismo pitoresco para Candido (2011, p. 14): “É a supervalorização dos aspectos regionais, um meio de a literatura compensar o atraso material e a debilidade das instituições, na fase em que a ideia de pátria se vinculava estreitamente à de natureza.”

O pitoresco surgiu como uma necessidade de se ter uma literatura própria, pois em um país sem tradições houve a ânsia de se ter raízes, demonstrar a sua própria realidade, o pitoresco torna-se nacional e estabelece uma forte convicção de literatura que exprimisse a nossa sociedade, ou seja, rompe com nossas heranças europeias.

Nesse sentido, o regionalismo romântico, segundo Candido (2011, p. 123), “surge como elemento de descoberta”, e o índio herói nacional, surge como elemento pitoresco, mas a literatura regionalista não é homogênea e o indianismo dá lugar à literatura sertaneja que por sua vez cede lugar ao romance nordestino.

[...] a língua e os costumes descritos eram próximos dos da cidade, apresentando difícil problema de estilização; de respeito a uma realidade que não se podia fantasiar tão livremente quanto a do índio e que, não tendo nenhum Chateaubriand para modelo, dependia do esforço criador dos escritores daqui. A obtenção da verossimilhança era, neste caso mais difícil, pois o original estava ao alcance do leitor. Daí a ambiguidade que desde o início marcou o nosso regionalismo; e que, levando o escritor a oscilar entre a fantasia e a fidelidade ao observado, acabou paradoxalmente por tornar artificial o gênero baseado na realidade mais geral e de

certo modo mais própria do país (CANDIDO, 2011, p. 116).

No início o regionalismo pitoresco funcionou como um elo entre a cidade e o campo. As personagens eram caricaturas e recebiam tratamentos anedóticos e serviam como um espetáculo para o homem da cidade, mas o regionalismo pitoresco contribuiu para o que viria a ser a literatura brasileira.

O regionalismo problemático ou romance social é resultante da situação de subdesenvolvimento do país e vem dar ênfase nos problemas sociais, pois tais questões não são somente de âmbito regional, mas sim nacional, vem desmistificar e desmascarar o que havia por trás do encanto surtido pelo pitoresco. Neste contexto, os escritores tiveram de assumir tal enfrentamento, assim as produções literárias passam a revelar a incultura das populações rurais, a miséria e a preocupação com o futuro, as obras assumem caráter universal quanto à realidade econômica e o subdesenvolvimento brasileiro, mas sem perder a organização estética e a elaboração formal.

O que vemos agora, sob este aspecto, é uma florada novelística marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade (CANDIDO, 2011, p. 161).

A realidade social passe a ser componente da literatura e esse conhecimento permite compreender a função que a obra exerce, o regionalismo transfigura para o realismo social e as obras passam a ter caráter significativo, como afirma Araújo (2008, p. 126) “[...] o que houve mais foi preocupação de discutir a pertinência dos temas e das atitudes ideológicas [...]”, contudo, sem que a literatura perdesse a sua estruturação formal e estilística.

O super-regionalismo é caracterizado pelo refinamento técnico, a utilização de elementos não-realistas, o abandono ao sentimentalismo e pelo caráter universal que o regionalismo assume. A obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, é um marco revolucionário do super-regionalismo, pois ela vem mudar a concepção de regionalismo, há um salto de qualidade, os valores regionais transcendem para questões universais da humanidade, a linguagem passa a criar outra realidade, a palavra passa a ter valor em si mesma, como afirma Candido (2011):

Nela não há pitoresco ornamental, nem realismo imitativo, nem consciência social e, sobretudo, a dimensão temática é menos importante do que a dimensão linguística,

que parece criar outra realidade, porque a palavra ganha uma espécie de transcendência, como se valesse por si mesma (CANDIDO, 2011).

Ele cria o irreal, como se a palavra tivesse vontade própria, fosse dona de si mesma; características pitorescas regionais ganham valor universalista. O simples torna-se extraordinário, a linguagem arcaica ganha tom modernista, há um jogo paradoxal.

Pensando nessa cultura regional, onde o foco é certa região do Brasil, em que a literatura regional retrata ora de maneira superficial, ora de maneira profunda traços e marcos culturais de um povo, destacar-se-á a literatura sul-mato-grossense, que por meio de seus autores trazem particularidades e peculiaridades locais e da região de fronteira.

1.7.1 Autores Sul-Mato-Grossenses

A literatura confunde-se com o ideal de formação humana, pois o conhecimento literário é produzido historicamente, e essa prática cultural está em constante evolução e transformação e falar sobre os autores sul-mato-grossenses é contar um pouco da história da formação do Estado de Mato Grosso do Sul de seu povo e de sua cultura, dentre tantos, dar-se-á destaque a: Hélio Serejo, Raquel Naveira e Manoel de Barros.

Hélio Serejo, escritor regionalista sul-mato-grossense, da fronteira Brasil-Paraguai, nasceu no dia 1 de junho de 1912, na cidade de Nioaque e faleceu dia 8 de outubro de 2007, na cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. Serejo ocupou a cadeira de número trinta na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Ele conseguiu captar o espírito do homem fronteiriço, suas obras traduziram a cultura da região e traz temáticas como: festas, danças, lendas, superstições, trabalho nos ervais, e figuras típicas, além do linguajar próprio da região, o “portunhol”, que na verdade é uma espécie de trilinguismo, uma mistura de português, espanhol e guarani, essa por sua vez língua indígena do sul da América do Sul, é falada pelos povos da etnia guarani e paraguaios (ARGUELHO 2009, p. 115 - 118).

A mistura da Língua Portuguesa, com a Língua Espanhola e o Guarani fronteiriço, o chamado portunhol, o qual não constitui uma língua estável, pois pode variar de acordo com cada falante dependendo da região de fronteira. Não traduz o que é a miscigenação dessas três línguas, na verdade ele nasceu de uma necessidade de se fazer entender entre o nativo e o colonizador espanhol, como em todo processo de domínio o colonizado absorve a língua do colonizador, porém preserva a sua língua nativa.

E em regiões fronteiriças a necessidade de comunicação e o intercâmbio cultural dão origem a novos fenômenos linguísticos, aqui no caso o trilinguismo, junção da língua nativa, o guarani, o espanhol do colonizador e o português, devido ao intercâmbio com o país de fronteira. E essa linguagem e questões linguísticas estão presentes nas obras de Hélio Serejo como veremos adiante.

Serejo, em sua obras, narra histórias de sua própria vivência nas fazendas de erva-mate de seu pai, mostra-se um apaixonado pelas “coisas crioulas”, como pode ser visto no conto *Isto Também é Criolismo* (em anexo).

O crioulo no Brasil pode ter vários significados, como por exemplo, pode significar uma das mais antigas raças de cavalos trazidas para o Brasil pelos colonizadores que facilmente adaptou-se ao clima e ao ambiente e com os anos de evolução adquiriram características únicas próprias para os países sul-americanos são utilizados na lida com o gado devido à agilidade, resistência e longevidade e estão presentes em praticamente todos os estados brasileiros. (www.cavalo-crioulo.com/raca).

No conto *Isto Também é Criolismo* há uma paixão de Hélio Serejo pela terra, a natureza e coisas simples, e é na coisas simples da natureza que encontramos o belo e vemos a existência de Deus. O crioulo de Hélio Serejo é híbrido, pois tem intensa mistura colonial, tem origem na palavra francesa *créole* (do latim *criare, educar*) (BRAUKS; BARZOTTO, 2011, p. 116), palavra essa usada para referir-se aos descendentes de franceses que nasceram na América no período colonial, e mais tarde foi utilizada com variações de sentido dependendo da região do Brasil, como por exemplo, no Rio Grande do Sul é utilizada para designar coisas ou pessoas e qualquer pessoa negra do Rio de Janeiro, isso mostra que a aproximação de diferentes culturas, exerce papel fundamental na formação e transformação da literatura, como afirma Carvalhal (2000 apud PINHEIRO; BUNGART NETO, 2013).

A aproximação de literaturas e culturas de contextos diversos [...] permite distinguir o que é diferente [e] também favorece o conhecimento das bases comuns, isto é, permite a descoberta da existência de laços e de raízes, de um *ethos* cultural, que funda uma comunidade. Simultaneamente, sublinhando o contextual, ou seja, o que faz veicular as culturas através das literaturas, coloca-se em evidência a alteridade, ou em outras palavras, a marca da diversidade. Deste modo o lugar, de onde se fala, associado ao lugar onde se está na cultura, torna-se, mais uma vez, categoria distintiva que orienta o procedimento comparatista (CARVALHAL, 2000 apud PINHEIRO; BUNGART NETO, 2013, p. 78, grifo do autor).

Sendo assim, o espaço de aproximação constitui-se no imaginário, ou seja, o lugar onde se está não é mais palpável, o que gera uma nova situação cultural e linguística. Além

disso, Hélio Serejo contempla em suas obras narrativas folclóricas, credices, provérbios, ditos populares, orações (como religioso que era), quadras e hábitos.

1.7.1.1 Raquel Naveira

Raquel Naveira campo-grandense de corpo e alma nasceu no dia 23 de setembro de 1957, formou-se em Direito e Letras pela extinta FUMT, hoje Universidade Católica Dom Bosco. A paixão pelas letras a fez seguir caminho pelo magistério (Literatura Portuguesa e Literatura Latina). Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo e pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN CLUB DO BRASIL. Escreveu várias obras, entre elas: *Abadia* (poemas, editora Imago, 1996) e *Casa de Tecla* (poemas, editora Escrituras, 1999), ambas indicadas ao Prêmio Jabuti de Poesia, da CBL. Seus livros mais recentes são: *Literatura e Drogas & Outros Ensaios* (Nova Razão Cultural, 2007), o de crônicas *Caminhos de Bicicleta* (MIRÓ, 2010) e o de poemas *Sangue Português: raízes, formação e lusofonia* (Arte & Ciência, 2012). É colaboradora do Portal Top Vitrine desde abril de 2014 (MENEZES, 2001, p. 01)

Suas obras caracterizam-se pelo uso do imaginário, sem perder o valor estético e o refinamento verbal (CHISINI, 2001). A prosa narrativa tem um viés poético, onde há a potencialidade gráfica. O contexto nacional dialoga com o regional, unidos por uma poética documental. O eu-poético e o imaginário se interpenetram, fazendo com que o passado confunda-se com o presente, dando um tom dramático as obras. A religiosidade é outro tema recorrente em suas obras, assim como as coisas bucólicas e pastoris. Algumas obras em anexo, como por exemplo “_ *A Fiandeira* _” e “_ *Cerro Corá* _”.

A fiandeira remete a linha imaginária do tempo, ou seja, a origem da vida. O uso da antítese dia e noite refere-se à vida e a morte. A fiandeira tece o fio da vida, o que demonstra o poder feminino de dar origem a vida e que não pode ser modificado nem mesmo pelos deuses (Zeus) Menezes (2001, p. 02). A religiosidade, tema marcante nas obras de Raquel Naveira é representado por “Sou fiandeira Bordando com palha e ouro a bandeira da minha fé”, o Brasil como país católico e Raquel Naveira poetisa católica remete a Nossa Senhora, pois ela é a bandeira religiosa do povo brasileiro, porque Nossa Senhora é a padroeira do Brasil e é quem ao mesmo tempo liga (fio) pelo povo (concreto) junto a Deus (abstrato), é a intercessora da nossa fé e metaforicamente o fio é esse elo entre o concreto e o abstrato. O eu-lírico também assume o papel da fiandeira e mostra a força da mulher, porque o ato de fiar

exige força e com isso corresponde à autoafirmação da mulher que se opõe àquilo que é frágil, como se vê no verso: “Vivo à beira De tudo aquilo que é frágil, Que parece fiapo Ou que está por um fio”. Por fim, o termo “que está por um fio” refere-se àquilo que está por terminar, em sentido paradoxal, terminar porque está quase pronto, algo novo (vida), ou terminar no sentido de acabar (morte).

O poema *Cerro Corá*, narra os últimos momentos de Solano Lopes, ditador nacionalista que queria fazer do Paraguai uma potência e não admitia submeter-se ao capitalismo estrangeiro. Cerro Corá que vem do indígena e significa conjunto de montanhas que formam um círculo e é uma região montanhosa do Paraguai onde Solano Lopes foi cercado e morto dando fim a Guerra do Paraguai (MENEZES 2001), a poetisa faz uso e menção à arena dos gladiadores romanos como pode ser visto nos versos “A arena está pronta Para o espetáculo, Para o combate de feras e gladiadores, Para a tragédia americana”, além de referir-se as batalhas dos gladiadores que por vezes digladiavam com leões, também remete as tragédias gregas, como também refere-se à união entre Brasil, Argentina e Uruguai, que se denominou a Tríplice Aliança de antigos inimigos, como os gregos e troianos (MENEZES 2001)

Observa-se que Raquel Naveira aborda em suas obras temas de cunho religioso; versos que remetem a infância com caráter memorialístico, além disso, retrata as riquezas culturais da cidade de Campo Grande, bem como acontecimentos e fatos históricos do nosso estado, como a Guerra do Paraguai. Ela explora o imagético e pictórico, vai do universal ao regional, assim como Manoel de Barros que é considerado o poeta regional mais universal que já existiu.

1.7.1.2 Manoel de Barros

Manoel Wenceslau de Leite Barros nasceu na cidade de Cuiabá, estado do Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916, aos treze anos de idade mudou-se para Campo Grande, até então estado do Mato Grosso, de onde nunca mais saiu até a sua morte em 13 de novembro de 2014. Cronologicamente pertence à terceira geração modernista, certa vez Carlos Drummond de Andrade disse não ser o maior poeta vivo e sim Manoel de Barros com suas “linhas e rimas cheias de profundidades do dia a dia, as sutilezas das coisas ‘desimportantes’, do ‘apogeu do chão ao pequeno’”.

Com o passar do tempo o escritor foi ganhando notoriedade no meio literário. Venceu o Prêmio Jabuti por duas vezes, em 1990 e 2002. Suas obras perpassam a fronteiras, com

livros traduzidos e publicados na França, Estados Unidos, Espanha e Portugal. (Dilva Frazão in https://www.ebiografia.com/Manoel_de_barros).

Manoel de Barros faz com que a poesia transite entre a realidade e o sonho, ele subverte a construção sintática, amplia as possibilidades expressivas e comunicativas com a criação de neologismos em suas obras, como por exemplo: “*O apanhador de desperdícios*”, que está em anexo.

Em *O apanhador de desperdícios*, Manoel de Barros valoriza a vida simples e as coisas simples, vai de encontro ao mundo moderno. No verso “palavras fatigadas de informar” ele faz menção ao excesso de informação, ao mundo tecnológico, onde as informações processam-se muito rápido, e ao mesmo tempo tornam-se descartáveis muito rápidos, pois não se transformam em conhecimento. O poeta prefere o que é concreto, palpável e o que está ao seu alcance. O ser “atrasado de nascença” é porque dá valor as coisas sem valor, ou seja, vai na contra mão do regime capitalista em que vivemos e por isso o seu “quintal é maior do que o mundo”, porque tudo o que ele precisa está ali, enquanto as pessoas ficam à procurar as coisas pelo mundo, todos querem conhecer o mundo e nem conhecem o seu lugar de origem, onde se vive, querem entrar em contato com as pessoas do mundo e se esquecem de quem está próximo; o “não sou da informática eu sou da invencionática”, devido a tecnologia de informação aproximar quem está longe e afasta quem está perto, por isso ele prefere se apegar “às coisas desimportantes”. (<http://www.chavalzada.com/2014/06/poesia-de-quinta-o-apanhador-de.html#.Vypbi9IrJdg>)

Manoel de Barros explora temas como: o destino do homem, a sombra da infância projetada no adulto em busca da felicidade, o medo da morte e a natureza. Com seu regionalismo universal, porque as angústias, “as coisas desimportantes” e a natureza aqui contada e declamada por ele, é a mesma em qualquer parte do mundo. Ele transfigura a realidade humana a partir da natureza, fazendo uso da exploração do léxico. A materialização da língua não se dá somente por meio da fala, mas também através da literatura de seu povo, que por sua vez, enfrenta os mesmos problemas sociais e morais em qualquer lugar do mundo.

Por isso Manoel de Barros passou de poeta regional e se tornou um poeta universal, porque as angústias e os anseios da sociedade são os mesmos em toda esfera global. E o uso da tecnologia permitiu à sociedade admoestar que aquilo que o cidadão almeja, independente da esfera global em que vive é a mesma.

Ela aproximou os povos e possibilitou o intercâmbio cultural e levou o cidadão a

vivenciar novos costumes, estar presente e conhecer lugares longínquos, nunca antes imagináveis. Através da tecnologia pode-se fazer esse intercâmbio, como também conhecer e explorar novos lugares, porque ela se faz presente em todas as esferas do saber e a escola *habitat* do conhecimento não pode ficar alheia às novas tecnologias da informação e da comunicação.

2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO

O advento da tecnologia fez com que a escola e educadores repensassem as práticas pedagógicas, pois ela introduziu novas modalidades de comunicação, ou seja, diferentes tipos de letramentos: digitais (o uso das tecnologias digitais), visuais (uso das imagens), sonoros (o uso dos sons), informacional (busca crítica da informação), além dos múltiplos letramentos, como hipertextos e hiper mídias.

O letramento está em todas as áreas e segmentos, como asseveram Fajardo e Ortenzi (2011):

Letramento Básico: Proficiência em Linguagem e numeração nos padrões básicos para desempenho no trabalho e sociedade para alcançar os seus objetivos e desenvolver o seu conhecimento e potencial nesta era digital. Letramento Científico: Conhecimento e compreensão dos conceitos científicos e processos requeridos para se fazer uma decisão pessoal, participação em relações cívicas e culturais, e produtividade econômica. Letramento Econômico: A habilidade de identificar problemas econômicos, alternativas, custos, e benefícios; analisar os incentivos no trabalho em situações econômicas; examinar as consequências de mudanças em condições econômicas; políticas públicas, coletar e organizar evidências econômicas, pesar os custos e benefícios. Letramento Tecnológico: Conhecimento sobre como é a tecnologia, como funciona, a que propósito serve, e como ela pode ser usada efetivamente para alcançar com sucesso os objetivos específicos. Letramento Visual: A habilidade de interpretar, usar, apreciar, e criar imagens e vídeo usando formas de mídia convencionais e do século 21 que acelerem o pensamento, o poder de decisão, comunicação, e aprendizado. Letramento de Informação e Midiático: A habilidade para avaliar informação por meio de uma série de mídias; reconhecer quando a informação é necessária; localizar, sintetizar e usar informação eficazmente e realizar estas funções usando tecnologia, redes de comunicação, e recursos eletrônicos. Letramento Multicultural: A habilidade para compreender e apreciar as similaridades e diferenças nos costumes, valores, e crenças de sua própria cultura e de outros (FAJARDO; ORTENZI, 2011, p. 09-10).

Sendo assim, a escola e a educação não podem ficar à margem do que vem acontecendo no mundo moderno, alheia as transformações, pois as ferramentas tecnológicas estão aí e fazem parte da vida social dos educandos; as tecnologias introduziram novos modos de criação e de comunicação e devem ser incorporadas nas práticas pedagógicas. O Letramento Digital contribui para que o aluno adquira e domine um conjunto de informações e habilidades, além de criar uma educação mais rápida, dinâmica e adequada à realidade contemporânea. Como afirma Xavier (2002):

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser *letrado digital* pressupõe

assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (XAVIER, 2002, p. 02).

As crônicas trabalham esse dinamismo, com jogos de palavras e ideias, e as novas tecnologias vêm ao encontro desse dinamismo, além de ser fonte de entretenimento, o porquê não a utilizar com caráter pedagógico e fazer uso dessa ferramenta, que amplia o universo de comunicação, dentro da escola. Como sugere Moran, Masetto e Behrens (2003, p. 350): “Com as tecnologias podemos flexibilizar esse currículo e ampliar os espaços de aprendizagem e as formas de fazê-lo”.

Mas a implantação das novas tecnologias na escola não deve ser motivada pelo modismo, e sim ser vista como uma ferramenta que produz conhecimento ou facilita a construção do mesmo.

2.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

O uso das tecnologias na escola deve propiciar ao aluno novas concepções de linguagem e de comunicação e, para que isso ocorra, o professor deve trabalhar como um mediador, e ensinar o aluno a socializar as informações e assim transformá-las em conhecimento. Como afirmam Marques, Maciel e Dorsa (2015):

Nesse sentido, o processo de educação escolar procura fazer com que o educando assimile e desenvolva determinada concepção de homem-ideal, em vista dos interesses sócio-culturais da comunidade. Tais interesses, de uma ou outra forma, constituem as representações do modo oficial de pensamento, que impõem sobre as pessoas (MARQUES; MACIEL; DORSA, 2015, p. 32).

A prática educacional tem de estar em acordo com a época histórica, pois assim poderá ajudar a forjar o homem-ideal. As ferramentas tecnológicas têm de estar inseridas no fazer pedagógico, pois tais ferramentas crescem a cada dia, e além de serem utilizadas para o entretenimento, também são usadas como meio de comunicação e informação.

De acordo com Costa (2014, p. 33): “O uso pedagógico da Internet exige do educador uma formação que vai além dos conhecimentos básicos dos currículos da educação formal,

estendendo-os aos conhecimentos gerais das transformações da sociedade atual”.

A linguagem e o dinamismo das informações passam por essa transformação, os jovens hoje escrevem para outras pessoas e escutam música tudo ao mesmo tempo, e a linguagem do “Internetês” é dinâmica e não estática, e se o professor reconhecer somente a norma culta da língua será um erro, como afirma Costa (2014, p. 35): “O Internetês não pode ser inimigo dos professores, precisamos, como educadores, conscientizar e educar nossos educandos para essa realidade, enfatizando que a utilização desse tipo de linguagem é adequada para um ambiente específico, ou seja, na Internet”.

O educador deve aproveitar essas construções como um ponto de partida para o ensino da norma padrão, e fazer da internet uma ferramenta de aprendizagem. Como sugere Costa (2014, p. 33): “O uso pedagógico da Internet exige do educador uma formação que vai além dos conhecimentos básicos dos currículos da educação formal, estendendo-os aos conhecimentos gerais das transformações da sociedade atual”.

A sociedade mudou o ritmo agora é outro e a escola também deve mudar e acompanhar essas transformações. As informações circulam quase que em tempo real. O professor que antes era visto como o único detentor do conhecimento e fonte de informação, hoje não é mais, o papel do educador, nos dias atuais, é ser um facilitador do processo educacional.

Na sociedade contemporânea, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) devem ser inseridas no currículo escolar, mas não como uma nova disciplina e sim como uma ferramenta que venha complementar e colaborar para o processo de ensino-aprendizagem.

O ambiente escolar deve ser um espaço de interação social e aprendizagem e o lúdico pode contribuir para que isso ocorra, fazendo uso das NTIC que pode transformar esses processos em algo mais significativo e eficaz.

Não podemos querer lidar com essa geração da mesma forma que lidaram conosco. As transformações da humanidade exigem uma mudança comportamental, e nós, que somos os formadores das próximas gerações, temos a obrigação de eliminarmos nossas fobias a mudanças e sermos os primeiros a incentivar uma constante descoberta e readequação do homem aos novos tempos (COSTA, 2014, p. 41).

Ao inserir as NTIC em seu currículo escolar, a escola tornar-se-á um lugar muito mais atrativo e que se aproxima do cotidiano dos alunos. Mas para que essa pedagogia digital

aconteça de forma eficaz é necessário que os professores dominem e tenham conhecimento sobre as NTIC.

As novas tecnologias devem ser utilizadas de forma crítica e responsável, para que por meio dessa pedagogia digital possa tornar a aprendizagem mais concreta e significativa. O computador não substitui o professor, mas é uma ferramenta que o auxilia em seu trabalho e possibilita ao aluno criar, recriar, transformar e pesquisar de forma autônoma, mediado pelo professor.

Para que essa ferramenta seja efetiva, primeiro há de se capacitar os professores, e os mesmo estarem abertos às mudanças e transformações, como destaca Tajra (2001):

A capacitação do professor deverá envolver uma série de vivências e conceitos, tais como: conhecimentos básicos de informática; conhecimento pedagógico, integração de tecnologia com as propostas pedagógicas; formas de gerenciamento da sala de aula com os novos recursos tecnológicos em relação aos recursos físicos disponíveis e ao “novo” aluno, que passa a incorporar e assumir uma atitude ativa no processo; revisão das teorias de aprendizagem, didática, projetos mult, inter e transdisciplinares (TAJRA, 2001, p. 13, grifo do autor).

E assim, o professor possa enriquecer sua metodologia, adequá-la as ferramentas tecnológicas, conforme a sua realidade e do alunado, em consonância à sua prática pedagógica. É importante que o educador saiba os fins do emprego das NTIC e possa conhecer as potencialidades desses instrumentos que se fazem presentes em nosso cotidiano.

Usar a internet em sala de aula ou implantar as novas tecnologias nesse ambiente, por si só não garante o sucesso do aprendizado, pois o ensino está muito mais relacionado à didática do professor e sua relação com os alunos.

2.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA

Os “novos” alunos, ou os chamados “Nativos Digitais” têm contato com as diversas tecnologias desde o seu nascimento, por meio do uso dos celulares, *ipods*, televisão, vídeo game e computadores, e com isso estão muito mais familiarizados com esses objetos digitais do que com o livro, o quadro e o giz.

Essas ferramentas tecnológicas levam o aluno ao desafio e a descobertas, o que torna

aquilo que foi aprendido muito mais significativo, pois o mesmo não chegou ao resultado apenas pela observação, ou seja, de forma passiva, mas sim pela investigação, ou seja, participou do processo de forma efetiva. Essa forma de aprendizado segue a ótica do construtivismo, como ressalta Costa (2014, p. 63): “Sob a própria perspectiva do construtivismo, as novas tecnologias dão a noção de concreto e do prazeroso, oferecendo ao educando uma maior interação com a aprendizagem”.

O professor deve fazer desses equipamentos seu aliado em sala de aula, pois por meio da música, das imagens e dos filmes pode-se trabalhar de forma muito mais dinâmica e, assim, transformar o ambiente da sala de aula em um espaço de inserção e construção social.

O uso da tecnologia em sala de aula permite a contextualização dos conteúdos, promove a troca de experiências entre os alunos e o professor. Possibilita a ressignificação dos conteúdos, facilita o trabalho com o lúdico e impulsiona a interdisciplinaridade. “As novas tecnologia surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico.” (LEOPOLDO, 2004, p. 13).

É dever da escola e dos educadores inserir os alunos no mundo multinacionalizado e digital. A tecnologia contribui para o desenvolvimento das habilidades de comunicação e potencializa o pensamento, quando o professor faz uso do computador com fins pedagógicos, deve utilizá-lo de maneira prazerosa para o educando, com o intuito de instigar a investigação e incentivar o desafio, assim, essa ferramenta será instrumento de transmissão e construção do conhecimento.

Nesse sentido o educador estará trabalhando pedagogicamente dentro da realidade do aluno, e do universo que ele está imerso e habitualizado. O uso da tecnologia proporciona novas maneira de adquirir conhecimento e educar, e quando aplicadas de forma satisfatória torna a aula muito mais atrativa e encantadora. Por isso, deve-se ter atenção ao fazer uso das NTIC, para não cometer o erro de utilizar novos recursos tecnológicos com metodologias ultrapassadas, como destaca Costa (2014):

Não basta utilizar recursos tecnológicos de última geração se os métodos de ensino se baseiam nas aulas do passado, em decorações das informações. O importante nesse processo é que os educadores possam utilizar as NTIC para reforçar conceitos, dinamizar e promover com mais ênfase o processo de ensino-aprendizagem (COSTA, 2014, p. 79).

Ao introduzir a tecnologia em sala de aula, o importante é adequá-la a metodologia de ensino, de maneira que proporcione coisas novas, porque senão só estará mudando o suporte e não o método. O professor então deve propiciar situações pedagógicas que possibilite ao aluno utilizar a tecnologia de forma criativa e autônoma, e o uso das mídias em sala de aula pode criar esse ambiente de crescimento intelectual.

2.3 O USO DAS MÍDIAS NA ESCOLA

As tecnologias de comunicação e informação transformaram o comportamento da sociedade, não mudaram apenas os hábitos, mas também a maneira de pensar e agir, tudo hoje se processa de maneira muito mais rápida e dinâmica.

Exemplo desse dinamismo é o vídeo, que traz som, imagem e movimento, e esse tipo de mídia faz parte do cotidiano tanto dos alunos quanto do professor e ambos são conhecedores dos seus suportes como: TV, DVD, *Data-Show*, computador e celular, e essas ferramentas estão ao alcance de todos. O professor pode utilizar o celular e pedir para os alunos produzirem vídeos curtos ou uma amostra fotográfica.

Outro suporte que utiliza as mídias é a Internet, um recurso rico para as aulas e que deve ser utilizada dentro da sala de aula, pois pode ser fonte de pesquisa, levar o aluno a conhecer outras realidades, culturas e costumes. O próprio professor pode usá-la para modificar seu processo de avaliação.

Na Internet, há varias ferramentas que podem ser utilizadas a favor da educação como: e- *mail* (pode ser utilizado para compor, enviar mensagens e tirar dúvidas), chat (trabalhar a interação entre professor e alunos, e alunos e alunos), Fórum (opinar de maneira pública, então conscientizar os alunos sobre o que escreverem e como escreverem), Wikis (produzir textos de forma coletiva e colaborativa), blog (desenvolver a informação de maneira criativa, utilizando imagens e opiniões diversas), etc.

Todas essas mídias permitem desenvolver atividades de leitura e produção de modo criativo e significativo, ampliam a linguagem oral e escrita, e o aluno pode aprender que a Internet pode ser mais que uma ferramenta de entretenimento. Como afirma Costa (2014, p.83) “A escola pode ser muito importante no processo de ‘educação’ para o acesso à rede, orientando os alunos de maneira que os mesmos possam utilizar essa ferramenta, a Internet, de modo seguro e eficaz e que essa utilização possa servir para a vida prática, para o seu

aprendizado”. O professor deve ser o intermediador desse processo e ensinar os alunos a usarem a Internet de maneira responsável e produtiva, para que isso ocorra de fato deve-se planejar muito bem aula e basear-se em uma sequência didática.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática (SD) é um conjunto de atividades planejadas que visa atingir um objetivo. É a maneira com que o professor procura organizar o seu trabalho, de modo a tornar eficiente o processo de ensino e aprendizagem dentro do ambiente escolar.

A escola é um espaço heterogêneo, onde se encontram as mais variadas formas de comunicação, pensando nisso, viu-se a necessidade de trabalhar o gênero textual crônica, justamente por esse gênero explorar essa variedade linguística.

Para tanto, a organização didática que permeia esse trabalho baseou-se nos estudos de Dolz e Schneuwly (2004, p. 97), que definem a sequência didática (SD) como: “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral e escrito”.

Uma das relevâncias desse gênero é que ao mesmo tempo pode-se trabalhar a variedade linguística formal e informal. Explorar um assunto sério de forma irônica ou relatar fatos corriqueiros; desenvolver diferentes versões para uma mesma história, esse é o trabalho da escola, fazer com que o aluno domine as diferentes formas de comunicação.

[...] o trabalho escolar, no domínio da produção da linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esses objetos de aprendizagem requerem (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 51).

A língua por ser um fenômeno sociointeracionista e sociocultural materializa-se por meio da oralidade e da escrita. Ela tem função mediadora das práticas sociais e por isso deve ter organização, assim, o aluno conseguirá compreender, analisar, interpretar e produzir de forma coesa e coerente, nesse sentido o uso da SD nos moldes de Dolz e Schneuwly (2004).

Conteúdo: Crônicas Digitais

Tempo estimado: dois bimestres

Material necessário:

- Sala de tecnologia (se houver): A cada aula os alunos vão para a sala de tecnologia onde está disponibilizada a crônica: Eu conto os contos da minha vida,

parafrazeando sonetos. Devido não ter internet foi necessário direcionar os hiperlinks e hipertextos, o que limitou a autonomia do aluno, mas mesmo assim os educandos puderam explorar e conhecer mais sobre o assunto desejado.

- *Datashow;*
- *Notebook.*

Crônicas trabalhadas:

- Eu conto os contos da minha vida, parafrazeando sonetos;
- O homem nu, Fernando Sabino;
- A notícia mais triste do Brasil, Xico Sá;
- O discreto charme da corrupção, Arnaldo Jabor.

3.1 DESENVOLVIMENTO

1.ª ETAPA - INTRODUÇÃO

As antigas civilizações como os egípcios, sumérios e assírios tinham uma figura que exercia uma função semelhante a do cronista, o escriba, a serviço do rei ele era o responsável pelos registros contábeis, além de reproduzir uma espécie de “diário de campanha”, cuja função era relatar (exaltar) os feitos de seus chefes em cada vitória, derrota ou conquista, esses registros seriam lidos à população, como forma de encantamento.

O precursor da crônica moderna foi Fernão Lopes, em 1418, nomeador guarda-mor da Torre do Tombo, ou seja, seria o responsável pelo arquivo real. Em 1434, tornou-se cronista-mor do reino, com isso passou a ser o redator oficial das narrativas e feitos históricos dos reis de Portugal.

Aquilo que hoje chamamos de moderno, talvez não seja assim tão moderno, exemplo disso é a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal relatando e retratando a terra recém- descoberta, o Brasil. A carta respeita a ordem cronológica, com datas e horários, descreve os acontecimentos de forma detalhada e ao mesmo tempo o autor emiti sua opinião aconselhando, sugerindo e criticando, essa miscelânea é característica da crônica atual.

A crônica aborda fatos corriqueiros, na qual o cronista desenvolve algumas reflexões acerca dos acontecimentos, a linguagem é despojada e beira o coloquial, ela pode ter caráter

político, filosófico, humorístico, crítico etc. Sant’Anna (1995) define assim o papel de um cronista:

O que é um cronista? Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como uma galinha, bota seu ovo regularmente. Carlos Eduardo Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces ou azedas e ser consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa ou espremidas nas salas de aula. Já andei dizendo que o cronista é um estilista. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilista era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. [...] O cronista é isso: fica pregando lá de cima de sua coluna no jornal. [...] Que tipo de crônicas escrevo? De vários tipos. Conto casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais. Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano. (SANT’ANNA, 1995, p. 3-4).

A crônica dialoga com o leitor, ela o aproxima do real e das coisas simples, quebra a rigidez com que o jornal trata acontecimentos do cotidiano, privilegia o subjetivismo e acaba com a leitura meramente funcional.

No século XIX com o desenvolvimento dos meios jornalísticos esse “gênero literário menor” ganha notoriedade, pois além de abordar os mais variados temas e notícias, surge como um contraponto à objetividade jornalística e grandes autores passam a utilizar esse espaço como forma de exercício.

A crônica surge nos folhetins e divide espaço com o texto jornalístico que é padronizado e não opinativo, com isso as notícias parecem ser todas iguais independente do veículo de comunicação. O texto jornalístico abrange a realidade generalizada e é homogêneo, já a crônica vem subverter essa padronização, o texto deixa de ser informativo e passa a ser híbrido, ela não cria a notícia e sim a recria. Dentro do jornal a crônica é um interdiscurso que dialoga com os outros textos (noticiários), ou seja, faz uso da intertextualidade.

Outra diferença entre o texto jornalístico e a crônica, que passam a dividir espaço dentro dos folhetins, é que a notícia fica, o fato histórico não se apaga com o tempo, e a crônica vem ao encontro das perspectivas do mercado consumista, pois quando publicada ela se caracteriza pelo consumo imediato. Esse gênero textual foi ganhando espaço e migrou do jornal para o livro e estabeleceu-se dentro da escola.

Nessa transposição muda-se a maneira de produzir sentido, porque a crônica antes dentro do jornal dialogava com o noticiário, se o leitor não tivesse conhecimento sobre o tema tratado poderia recorrer às reportagens. Já no livro didático, o contexto é outro, no jornal o fato histórico abordado acontece quase que em tempo real e no livro o fato passa a ser

atemporal e para compreendê-lo o leitor precisará recorrer à sua memória discursiva. O cronista para produzir o seu discurso, baseia-se no discurso de outrem, com isso o seu discurso dialoga com a posição social do sujeito e o momento histórico, como afirma Bakhtin (1975):

Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 1975, p. 86).

Toda enunciação de uma pessoa que vive em sociedade, baseia-se no discurso de outrem, e esse dialogismo polifônico que torna atemporal a crônica no livro didático. Grandes autores como: Raul Pompéia, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Luís Fernando Verissimo, Machado de Assis, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, entre outros passam a ter reconhecimento e suas crônicas produzidas nos livros e essas por sua vez ganham caráter pedagógico.

Pensando em tornar as aulas de Iniciação aos Estudos Literários mais produtivas, interessantes e dinâmicas, desenvolveu-se o trabalho com a Crônica Digital (já que são ambientes virtuais que possibilitam a interação com outros textos e assim despertam o interesse do aluno para a leitura, além de desenvolver habilidade de construir sentido por meio das novas informações vinculadas às crônicas) possibilita inserir os conteúdos programados para o 9.º ano do ensino fundamental, e dentro da mesma os alunos poderão explorar outros textos por meio dos *Hiperlinks*¹, o aluno tem total autonomia para ter acesso a essas informações a partir do seu interesse e dos *Hipertextos*².

Por conseguinte, indagar os educandos sobre o referido tema, o que sabem e conhecem sobre o gênero em questão; explicar as principais características da crônica; falar a respeito da origem do verbete e que esse tem origem do grego “*chronos*” que significa *tempo*, e das outras palavras que são derivadas do substantivo primitivo crônica como: cronômetro, cronologia e cronograma.

Admoestar que esse “gênero literário menor”, oriundo do jornal herdou a brevidade dos textos jornalísticos, baseados nos acontecimentos cotidianos e com requintes de humor, ironia, onde prevalece o eu-poético, a subjetividade do autor.

2.^a ETAPA

Disponibilizar a crônica nos computadores da sala de tecnologia, caso não houver, apresentar a crônica por meio do *data show*. Ler com os alunos a crônica “*Eu conto os contos da minha vida, parafraseando sonetos*”. Fazer com que os alunos explorem o texto, discutam as ideias e que relatem o que mais lhe chamou a atenção.

Baseado no que mais chamou atenção, aprofundar-se sobre o assunto por meio dos *hiperlinks* e *hipertextos* disponíveis na crônica e utilizarem as hiper mídias para obterem as informações desejadas.

Assim iniciamos o estudo da crônica, o processo de ensinar e aprender baseado na dimensão de aprendizagem afetiva, que consiste nas relações interpessoais e intrapessoais do educando, o que ele deseja, sobre o que quer aprender, o que acha importante, com o que se identifica. “A dimensão afetiva está relacionada com as questões de convivência, de relações interpessoais e intrapessoais dos alunos, importante para enriquecer as interações no ambiente escolar e, conseqüentemente, facilitar o aprendizado” (COSTA, 2014, p.22). E assim, poderemos desenvolver ações que levem em consideração as particularidades dos alunos.

3.^a ETAPA

Os alunos produziram uma crônica com embasamento nos acontecimentos presentes e com liberdade de escolha do caráter humorístico, cômico ou crítico sobre o tema escolhido em questão. Feito isso, todos educandos irão ler em voz alta a crônica produzida.

Mostrar a diferença entre conto, crônica e soneto, por meio do *hiperlink* presente no título da crônica. Apresentar cada um desses três gêneros textuais, suas características e especificidades.

4.^a ETAPA

Explicar o que é *hiperlink* e *hipertexto*, mostrar que a internet além de ser um meio de interação e entretenimento é mais do que um espaço virtual onde as pessoas trocam informações, ela pode ser uma ferramenta que potencializa a aprendizagem, “A *Internet* só potencializa a aprendizagem quando possibilita ao estudante manipular a informação, socializá-la e transformá-la em conhecimento.” (COSTA, 2014, p.33).

E que as *hipermídias* dentro do texto digital possibilitam ao educando autonomia sobre o que querem explorar e aprender. Permite ao mesmo ampliar o conhecimento referente ao tema que quer se aprofundar.

5.ª ETAPA

Explicar o que é linguagem conotativa e denotativa, por meio do *hipertexto*, feito isso os educandos terão que identificá-las na crônica e falarem sobre o seu efeito de sentido.

Apresentar as cantigas de amor, cantiga de amigo, cantiga de escárnio e cantiga de maldizer, falar sobre cada uma utilizando os textos presentes nos *hiperlinks* como exemplos.

Relatar que nessa época as mulheres não produziam literatura, então o homem assumia como identidade o eu-lírico feminino, para contar sobre seus dramas, sofrimentos e inquietações e que as cantigas de escárnio e maldizer tinham cunho social, desenvolviam uma espécie de imprensa da época, porque relatavam problemas sociais e faziam críticas a certos tipos de comportamentos humanos.

6.ª ETAPA

Trabalhar conteúdos obrigatórios para a série em questão (9.º ano), como: estrutura do soneto, diferença entre ritmo e rima, metrificação e tipos de rima, para isso utilizarão o Soneto de fidelidade e de Camões que compõe o corpo da crônica.

Além disso, discutiremos as ideias presentes nos sonetos, sobre o que ambos falam, fazer a relação entre os sonetos e o porquê deles fazerem parte do corpo da crônica e o porquê do autor da crônica os terem utilizados.

7.ª ETAPA

Explorar as figuras de linguagem, explicá-las e dizer qual o efeito de sentido

produzido dentro da crônica.

8.^a ETAPA

Apresentar alguns autores clássicos e suas respectivas obras, fazer com que os alunos ampliem seu conhecimento sobre o respectivo autor que mais lhe interessou e por meio dos *hiperlinks* e *hipertextos* conhecerem outras obras literárias dos mesmos.

9.^a etapa

Os alunos deverão produzir um final para a crônica trabalhada, feito isso cada educando lerá o seu respectivo final para a turma e ao término o professor apresentará como termina a crônica.

3.2 CRÔNICA TRABALHADA

Eu conto os contos das crônicas da minha vida, parafraseando sonetos

Capítulo: 01 E agora, José?

Um dia sem querer e nada por acontecer o destino resolveu aprontar uma das suas. Eu que adorava uma bacanal, nunca pensei que fosse me apaixonar, porque paixão para mim sempre foi algo denotativo e infelizmente ou felizmente descobri a conotação da paixão, e algo que transpassa o significado real das sensações e emoções; mesmo por que vivia a brincar e desfrutar a solteirice, a liberdade e o escárnio e não me refiro às cantigas, nem a de amor, nem a de amigo, quem dirá a de maldizer, não que eu queira mal dizer das cantigas, quem sou eu. É porque a paixão nunca me arrebatou, até esse momento, gostava de “furtar a vida”, em todos os sentidos: amigos, família e mulheres.

O jogo da conquista sempre me fascinou, a chamada fruta proibida, mas nunca fui um cafajeste sedutor e sim um Dom Juan moderno, pois minha amada mãezinha sempre me alertou: “não faça para o outro aquilo que não quer que faça com você”, Sabias palavras, quem dera se todos seguissem esse mantra.

Mas bem, falei, fometei, mas ainda não fofoquei sobre o fato fatídico que me fulminou. Tá bom, depois de aliterar um pouco, farei o favor de fazê-lo. Apesar de que não faz muito tempo que nos fomos apresentados. Quer dizer ainda não o fomos. Ah! Para começar meu nome não é José, o fiz referência no capítulo para parafrasear Drummond, porque a paixão me fez perder o chão o “Norte”, sentir-me sem rumo, sem nome, perder a identidade, o meu querer não é mais que o bem querer do meu coração.

Estão impacientes? Calma! O fato é que preferiria voltar a minha meninice. “A que saudades da aurora da minha vida/ da minha infância querida/ que os anos não trazem mais. Já dizia Casimiro de Abreu. Pois bem, a paixão me deixou sinestésico, quando ouvia sua voz, tudo era mutável, o concreto se transformava em abstrato. “Ó sonora audição colorida do aroma”, será que Cruz e Sousa também foi arrebatado por um paixão assim?! Faz com que ouçamos uma voz aveludada, o coração bate como escola de samba, sem a famosa paradinha da mangueira, que tudo muda, que tudo ofusca para depois clarear. Não, esse não sou eu. Não sei se li Camões demais ou ela já previa o que ia acontecer, porque o amor, oh o amor...

Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer; é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade; é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Se bem que o que eu quero não é amizade..., mas não posso desprezá-la, quem sabe culpá-la, porque foi por causa dela que tudo começou. Não sei se o leitor me entende, me compreende, não estou enrolando só um pouco postergando, porque não é fácil contar; como eu um pegador nato, fui cair nas armadilhas do amor.

Ah! Sua boca! Era a boca mais linda que eu já vi, com seus lábios carnudos e doces. O que? Iguais os de Iracema! Não! Não! Jamais! A tal “índia dos lábios de mel”, contada e

declamada por José! Não esse do título o de Alencar. Não! Nem mesmo os de Iracema eram tão belos e podiam ser comparados aos da minha bela, eles eram uma mistura entre o angelical e o sabor ardente do pecado, era algo paradoxal, pediam para serem beijados mas ao mesmo tempo me deixava paralisado, embasbacado, uma força matriz que impulsiona e freia. Deve ser o tal do amor platônico, por isso sempre preferi Machado a Vinícius, se bem que como já disse antes, sempre fui um sedutor amante da arte da conquista, declamar uns versos de Vinícius sempre me ajudaram. Principalmente com as românticas e puritanas, e quem nunca declamou um verso para pegar uma mulher que passe a primeira borracha. Se não o fez fica aqui a dica, tente esse, é infalível: Soneto de Fidelidade, aí se ela vir te cobrar alguma coisa ou querer satisfação no futuro, dizendo que você a enganou a iludiu. Diga de maneira firme, mas romântica. O que fizeste nas aulas de literatura? Não entendeste a estrofe final? “Que seja infinito enquanto dure”, só vale lembrar que ela também pode usar do mesmo argumento, quando você entrar com as nádegas e ela com o pé. Lembre-se o amor é cheio de armadilhas. E num outro capítulo eu continuo contando essa história.

Ricardo do Nascimento Oliveira

3.3 JUSTIFICATIVA

A escolha deste referido tema é em decorrência do novo perfil de aluno, e o intuito é fazer da tecnologia uma aliada. E assim, tornar as aulas mais atrativas e produtivas, para que o educando possa ser mais colaborativo dentro do processo de ensino/aprendizagem, passar de mero telespectador para ator na construção do saber.

Com o advento da tecnologia se ampliaram as formas de leitura e escrita, exemplo disso são os ambientes virtuais como: blogs, whatsapp, Facebook etc. são novos gêneros textuais que estão inseridos na sociedade e fazem parte do cotidiano escolar do aluno, diante disso, não devemos descartá-los ou ignorá-los, pelo contrário, temos de tomá-los como um ponto de partida para a construção de gêneros textuais específicos, em acordo à situação de comunicação. Como sugere Marcuschi (2001, p. 109): “O hipertexto é também um bom momento para se refletir de maneira mais sistemática sobre o contínuo das relações entre oralidade e escrita e o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica”.

Por isso, há a necessidade de novas maneiras de desenvolverem as habilidades de

leitura e escrita, pois hoje o educando está cercado de conhecimento, possui novas formas de interagir, de relacionar-se e comunicar-se, portanto, o processo de ensino/aprendizagem deve se adaptar e acompanhar essas mudanças.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO USO DA CRÔNICA DIGITAL

A proposta pedagógica teve como objetivo ampliar as possibilidades de leitura e produção de texto dos estudantes. A referida proposta foi desenvolvida com 30 alunos do 9.º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Iniciação aos Estudos Literários. A pesquisa procurou proporcionar aos alunos conhecimentos necessários para que os mesmos saibam se portar e comunicar de forma segura. Pensando nisso, o trabalho desenvolve-se a partir do gênero crônica, pois este cria um leque de possibilidades comunicativas.

Sendo assim, viu-se a utilidade de propiciar aos educandos diferentes tipos de crônicas para que os mesmos percebessem os diferentes usos e intencionalidades, como afirma Marcuschi (2005, p. 150): “Todo gênero tem uma forma e uma função que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”. Além da forma e da função, todo gênero tem um estilo e um conteúdo, porém os gêneros não são totalmente livres, seja sob o ponto de vista do léxico ou grau de formalidade e informalidade. Eles limitam a ação da escrita.

O intuito dessa prática é desmistificar a ideia de que a literatura e a leitura são algo enfadonho e tedioso. Para estreitar as relações e poder dar voz ao aluno, realizou-se uma pesquisa e foram observados os seguintes procedimentos:

- I) Observação de como os alunos acolheram as atividades propostas;
- II) Verificação sobre o que os alunos sabiam sobre o gênero em questão, a “crônica”;
- III) Leitura de diferentes tipos de crônicas fornecidas pelo professor;
- IV) Leitura de crônicas escolhidas pelos alunos mediante pesquisa;
- V) Relato sobre o que chamou a atenção na crônica lida;
- VI) Aplicação de questionário sobre o hábito de leitura dos estudantes:
- VII) Tem hábito de ler? Se sim, quantas vezes por semana?
- VIII) Sobre qual assunto tem maior interesse em ler?
- IX) Lê somente nas aulas semanais de leitura da escola?
- X) Instrumento, suporte de leitura: () computador () livro;
- XI) Já havia lido alguma crônica? () sim () não.

Quando lhes foi apresentado o projeto e os alunos viram que o trabalho proposto envolvia o uso da tecnologia, a aceitação foi imediata. Ressaltou-se, porém, que o processo de avaliação consistia em observar o empenho de cada educando, o seu envolvimento, bem como o interesse pela pesquisa e produção de texto.

Após a introdução do que é crônica, sua função e características, os educandos produziram uma crônica, com tema livre, baseado no que foi explicado. Feito isso, foram apresentados aos alunos os diferentes estilos desse gênero textual. A intenção é mostrar aos mesmos que em um único gênero pode se explorar desde a esfera da crítica ao cômico. Como define Marcuschi (2005, p. 154): “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”, pois todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados orais e escritos.

No segmento cômico, trabalhou-se a crônica “*O homem nu*”, da autoria de Fernando Sabino (apresentou-se a atividade por meio do *data show*), o texto em questão chamou bastante à atenção dos alunos que se divertiram com as peripécias da personagem. A proposta consistia em não apresentar o final da história, o que aguçou a curiosidade dos alunos, feita a leitura coletiva, cada qual deveria imaginar um desfecho e produzi-lo. O exercício mostrou que os alunos envolvem-se e comprometem-se quando se sentem motivados e há o interesse pelo que foi proposto.

A crônica informativa apresentada, por meio do *data show*, foi “*A notícia mais triste do Brasil nesta semana*”, de Xico Sá. Após a leitura coletiva discutiu-se as ideias presentes no texto e destacou-se a importância de evitar o desperdício de alimentos. Os alunos tiveram que realizar um levantamento sobre o desperdício de alimentos em seus lares, e eles, por meio de relatos admitiram que servem mais comida do que realmente vão comer, o que ocasiona o desperdício. A atividade os levou a refletir sobre a profusão de alimentos que vão para o lixo, o que é uma injustiça, perante aqueles que não têm o que comer.

Para desenvolver um olhar crítico foi trabalhada a crônica “*O discreto charme da corrupção*”, produção de Arnaldo Jabor. Fazendo uso dos celulares os alunos pesquisaram os termos: corrupção, oligarquias, intempéries, autarquias, CPI, Código de Processo Penal (no que se baseia) e retrovírus. Feito isso se realizou uma mesa redonda, onde se debateu a corrupção, o que a move e que consequências trazem para a sociedade. Alguns alunos mostraram-se bastantes participativos outros relataram que não aguentavam mais ouvir sobre

tema.

Com o intuito de motivar o debate acerca do tema, perguntou-se quem já havia cometido atos de corrupção. Muitos mostraram-se indecisos com o questionamento. Mas quando o professor elencou as pequenas corrupções do dia a dia como: querer levar vantagem em tudo (dar o chamado jeitinho brasileiro, levar vantagem ser associado a sinônimo de esperteza), mentir, não respeitar as leis de trânsito e as regras da escola, não cumprir com os deveres, etc. Os alunos, em sua grande maioria, perceberam que os cometem ou veem seus pais cometendo, no entanto, ressaltaram que esses atos não prejudicam da forma que os políticos prejudicam, nem chega perto dos milhões roubados pelos legisladores. Outra pergunta foi feita aos educandos. Será que se eles tivessem à mesma oportunidade de desviar milhões não o fariam? Ressaltou-se que o problema não está no valor e sim no ato, e que essa cultura do brasileiro querer se dar bem não importa o meio é que está errada.

A seguir os resultados das pesquisas realizadas, por meio de questionário, com os alunos: Resumo da pergunta 1



Resposta	Porcentagem	Alunos
SIM	33%	10
NÃO	67%	20
TOTAL		30

Apesar de o crescimento tecnológico ter facilitado o acesso à informação e a leitura, isso não se concretiza entre os jovens. A pesquisa e a interação com os alunos em sala de aula mostraram que a falta do hábito de leitura começa dentro de casa, os pais não leem e também não os estimulam a ler.

Os alunos também disseram que dentro da escola não lhes são oportunizados uma heterogeneidade de textos e sim que todos têm relação com os conteúdos e suas disciplinas. E isso gera um problema, pois os mesmos veem a leitura como uma obrigação e não como algo

que pode proporcionar prazer.

O não hábito de ler leva a uma falta de compreensão do mundo e de si mesmo. A leitura é necessária para a construção do argumento e da cidadania, leva a um pensamento crítico, além de ampliar o vocabulário e por meio dela visualizar a correta ortografia do verbete.

Os textos de conteúdos pobres, sem argumentos e com muitos erros ortográficos são espelhos da falta da leitura. Essa falta de argumento também é percebida no texto oral, onde os educandos tem dificuldade de expor seus pontos de vista ou sustentar uma opinião.



1 VEZ	10%	1
2 VEZES	60%	6
3 VEZES	30%	3

A pesquisa mostrou que a leitura não é prioridade na vida dos alunos. Para a maioria ler é perda de tempo, os mesmos estão mais interessados nos sites e aplicativos de Bate papo, preferem ouvir música e verem vídeos.

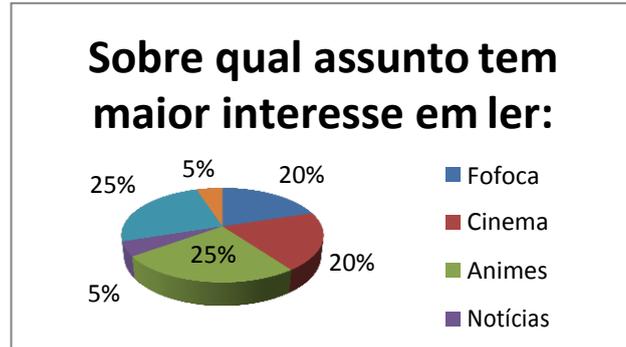
Um dos problemas encontrados, na opinião dos alunos, é que os pais e alguns professores veem os computadores e celulares como um inimigo da educação. A tecnologia está inserida na sociedade moderna e é irreversível, então devemos fazer dela nossa aliada.

Percebeu-se que outro aspecto que leva ao não hábito de ler é a falta de paciência. O ficar em silêncio e estático vão de encontro ao comportamento da sociedade moderna.

Pergunta 02: Sobre qual assunto tem maior interesse em ler?

(Resumo)

Fofoca () Cinema () Animes () Notícias ()



A pesquisa e a relação com os alunos mostraram que os mesmos se interessam mais sobre esse tipo assunto, porque buscam uma autoafirmação. Eles projetam-se e veem-se nos personagens dos filmes e nas angústias, dificuldades e conquistas dos personagens de animes.

Os sites de fofocas para eles dão uma ideia de status, de estarem sempre bem informados sobre o que a de novo no mundo das celebridades, moda, músicas e relacionamentos. As notícias ficam em segundo plano e é vista como algo que não devem se preocupar agora.

Resumo da pergunta 03: Lê somente nas aulas de leitura da escola?



Os alunos disseram que despertaram o gosto pela leitura a partir das aulas semanais de leitura desenvolvidas na escola e que a liberdade sobre o que ler retirou o peso da obrigatoriedade. O fato de o professor permitir a leitura desde revistas em quadrinhos até revistinhas mostrou que ler pode ser interessante e prazeroso.

Alguns disseram que só leem na escola porque em casa preferem ver televisão e ficar

no computador. Outros relataram que a atitude do professor de contar parte da história os instigaram a conhecê-la melhor e a saberem o final da mesma.

Os alunos também relataram que o desafio feito pelo educador de ler 10 páginas de uma obra indicada por ele professor, e que ao término dessas 10 páginas, mesmo assim eles não se interessassem pela obra a ponto de continuar a leitura, poderiam dormir ou mexer no celular nas aulas de leitura, os instigou a ler e criou um laço de confiança entre aluno e professor.

A pesquisa aponta que é preciso estimular a leitura, e que os jovens são movidos pelo desafio. Outro ponto relevante é mostrar respeito e confiança no julgamento dos mesmos.

Resumo da pergunta 4:



A pesquisa mostra que a ferramenta mais utilizada pelos alunos é o computador, mesmo aqueles que não possuem em casa, procuram um *cyber* (é o resumo da palavra *cybernetic*, que significa em português alguma coisa ou lugar que possui grande concentração de avanço tecnológico. Em Campo Grande, diz-se de um estabelecimento comercial onde o indivíduo paga uma determinada quantia para utilizar a internet), ou fazem uso do próprio celular. Mas ela também mostra que os educandos não utilizam as ferramentas tecnológicas para a aprendizagem, e sim para o entretenimento ou relações interpessoais.

Outro apontamento pela preferência do uso dos computadores é porque podem realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo (ação). Enquanto batem papo com as pessoas através das redes virtuais, ouvem música e até mesmo assistem a sua série preferida.

Deve-se utilizar o computador como uma ferramenta que facilita a aprendizagem, a informática tem de ser integrada ao currículo escolar, não como uma disciplina, mas como um suporte multidisciplinar. O professor tem de inserir a tecnologia em suas aulas, e ensinar os alunos como utilizá-las também para o ensino.

Resumo da pergunta 5:



Pelas respostas percebe-se que os alunos em sua totalidade não tem o hábito da leitura. E os que leem em sua maioria procuram conteúdos de entretenimento e usam o suporte tecnológico e não veem no livro (ficção, romance ou aventura) como algo que possa ser fonte de entretenimento e prazer.

Como se percebe o gênero estudado não era muito conhecido pelos alunos, porém muitos dos que disseram não o conhecer, quando lhe foram apresentados, ou seja, tiveram contato com as crônicas disseram já ter lido sim nas aulas de Língua Portuguesa, o que mostrou não terem conhecimento do que é uma crônica, suas características, forma e estilo.

4.1 ATIVIDADES COM A CRÔNICA “EU CONTO OS CONTOS DA MINHA VIDA, PARAFRASEANDO SONETOS”

Como mostrou os dados, os educandos estão mais familiarizados com a tecnologia e a utilizam mais do que o livro; os temas que consideram de maior relevância (por falta de maturidade) não tem relevância social. Logo, o trabalho com a crônica digital foi com o intuito de aproximar as aulas de literatura das tecnologias e despertar os alunos para as questões sociais que permeiam a sua comunidade.

Depois de proporcionar aos alunos conhecimentos necessários sobre o gênero em questão, os mesmos puderam verificar que dentro de um mesmo gênero pode-se explorar as mais variadas situações comunicativas, como sugere Marcuschi (2005, p. 190): “as atividades comunicativas são uma das formas de organização da sociedade e condicionam boa parte das demais ações praticadas na sociedade”. Existem inúmeras maneiras de interagir perante as práticas sociais e que se deve adequar à língua a situação comunicativa (formal ou informal).

As atividades com a crônica *Eu conto os contos da minha infância, parafraseando sonetos* desenvolveu-se por meio de uma *sequência didática* e foi organizada com o intuito de tornar as aulas mais interessantes e atrativas para os alunos, além de produzir um material para disciplina de Iniciação aos Estudos Literários (IEL). Dentre os objetivos estão, desenvolver a produção de texto e o gosto pela leitura, ademais levar os educandos a conhecerem e terem contato com os autores clássicos.

Como não foi disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação um material para trabalhar a disciplina IEL com os alunos, pensei em criar algo que contemplasse os conteúdos (obrigatórios) previstos na Ementa Curricular e que teria como suporte o computador.

O primeiro problema encontrado para o desenvolvimento da crônica em questão foi que a sala de tecnologia estava inativa por não ter sido designado nenhum professor para atuar e ser o responsável pela sala. Além disso, poucas máquinas estavam funcionando, pois como não havia um profissional, não tinha sido realizado o chamado para a manutenção dos computadores.

Sendo assim, a solução encontrada foi realizar as atividades em sala de aula por meio do uso *notebook* e *data show*. Mas isso limitou o navegar pelas redes (tirou a autonomia) e a possibilidade de explorar outros textos através dos *hiperlinks* e *hipertextos*, foi necessário direcionar os possíveis textos a serem explorados.

Contudo, o celular foi uma ferramenta fundamental, pois proporcionou ao aluno pesquisar sobre aquilo que foi de seu interesse dentro da crônica. Os alunos que não tinham essa ferramenta podiam juntar-se a outro colega, e os que não possuíam internet roteei o meu *wi-fi*, assim todos puderam explorar o texto.

Outro problema encontrado para o desenvolvimento da crônica foi a quantidade de aulas semanais que é de apenas uma hora aula semanal, ou seja, a distância entre a realização de uma atividade e a outra era muito grande. Mas diante disso, houve um aspecto positivo, os alunos mostraram-se ansiosos para a próxima aula e até mesmo chegavam dizendo que haviam pesquisado em casa sobre um determinado assunto e autor.

Um aspecto relevante foi o fato de o interesse pela pesquisa partir do próprio aluno, o que facilitou o desenvolvimento das aulas e, até mesmo, otimizou o tempo. Com isso, pude entrar direto na explicação do conteúdo, pois os mesmos já tinham lido algo sobre o assunto e aproveitavam a explicação para questionar, tirar suas dúvidas e dar suas contribuições acerca do que estava sendo estudado.

As atividades de produção formal e informal levaram os alunos a refletirem sobre o uso da língua, terem um olhar crítico sobre o discurso e fazerem um levantamento sobre os aspectos linguísticos. Perceberam que por trás de todo discurso há uma intenção e que não escrevemos para nós e sim para o outro.

A ansiedade por conhecer o final da crônica e saber se o final da história produzido por eles tinha relação com o original os motivou a produzir o texto. Além da disputa interna para ver quem chegou mais perto, segundo eles, de acertar o final da história.

O trabalho com o ensino do soneto, sua forma, estrutura, ritmo e rima, e o estudo dos períodos literários desenvolveu-se com maior rapidez, pois não houve a necessidade de perder tempo copiando. A compreensão das ideias foi facilitada pelo uso do site de pesquisa *Google*.

Apesar do problema inicial da sala de tecnologia não estar em funcionamento, os mecanismos do uso do *data show* e do celular ajudaram que o trabalho acontecesse, não como o esperado, pois na sala de tecnologia os hipertextos não teriam que ter sido direcionados e, com isso, o navegar pela internet daria ao aluno autonomia. A pesquisa também aconteceria por meio do *hiperlinks*, tarefa essa que teve de ser desenvolvida em sua grande maioria em casa, o que prejudicava os que não tinham computador e internet.

Mesmo com os contratemplos, os educandos foram mais participativos durante as aulas e motivados em realizar as atividades. Os alunos relataram que estavam procurando ler temas diversos e de relevância social, o que mostra que houve avanço no despertar pela leitura e que o projeto como um todo foi satisfatório.

Vejo a necessidade de capacitar-me melhor em relação ao uso das tecnologias, pois assim, poderei realizar atividades pedagógicas concretas para essa nova clientela educacional digital, porque mesmo com as falhas e os improvisos, pode-se perceber que houve maior interesse nas aulas de Iniciação aos Estudos Literários, pois os alunos a viram como algo diferente dos moldes tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu conceder uma nova roupagem às aulas de Iniciação aos Estudos Literários, retirar o educando da posição de mero receptor de saberes para produtor do conhecimento, assim, tornando-o agente do processo de ensino-aprendizagem.

Para isso, fiz uso das tecnologias em minha prática educacional, procurei estar aberto às mudanças e aos avanços tecnológicos, porque percebi que a inércia pode frustrar a motivação dos alunos. A tecnologia permitiu ampliar os espaços de aprendizagem, o conhecimento aconteceu para além dos muros da escola e isso foi possível a partir da reformulação do currículo.

Utilizei o gênero textual “Crônica Digital” com o intuito de desenvolver um letramento crítico e ampliar as possibilidades de leitura, interpretação e produção de textos, por meio de *hipertextos* e *hiperlinks*. A intenção foi desenvolver nas aulas novas práticas pedagógicas que fogem do modelo tradicional.

Assim, ao inserir o gênero crônica em um suporte digital, pretendi desenvolver atividades sócio-discursivas que instigassem a leitura, pois o gênero em questão relata ações humanas dentro de uma prática social.

Essas ações sociais materializam-se mediante o uso da língua, seja essa oral ou escrita. Elas têm se desenvolvido e alcançado sua amplitude através das ferramentas tecnológicas, mas os educandos ainda não se atentaram para o uso da tecnologia como um suporte que facilita o estudo e pode ajudar na construção do conhecimento. Por isso, procurei inseri-las em minhas práticas pedagógicas e, assim, fazer com que os educandos também a utilizem como uma ferramenta de transformação social em suas vidas.

O advento da tecnologia transformou a forma de comunicarmo-nos, e essa mudança também chegou ao ambiente escolar. Os alunos não conseguem se concentrar em apenas uma atividade, procuram realizar mais de uma tarefa. Os educandos, que são nativos digitais, acompanham o dinamismo do mundo moderno e a velocidade das informações.

A informatização está presente no âmbito social, político, econômico e cultural, também deve estar presente nas inter-relações pedagógicas. Essa prática pedagógica digital proporcionou uma nova maneira de realizar as atividades de leitura, escrita e de adquirir conhecimento, pois, com o advento das mídias, o saber não acontece mais somente na escola,

mas ultrapassa seus muros.

Portanto, com esse projeto de pesquisa, procurei aliar o fazer pedagógico às práticas sociais do educando, deesenvolvendo as aulas a partir de um suporte tecnológico e um ambiente virtual, com o qual os estudantes estão mais familiarizados e que dominam com maior facilidade. Assim, os alunos sentiram-se mais motivados a ler, realizaram ações de produção com maior segurança e fizeram uso dos recursos tecnológicos para a aquisição de conhecimento.

Percebi que para realizar essas ações, preciso ter maior conhecimento e domínio sobre as mídias, para que assim, possa melhorar minha prática pedagógica e, então, possibilitar novas potencialidades de ensino e com isso desenvolver melhor o processo de aprendizagem.

A utilização de uma pedagogia digital mostrou que é possível quebrar certas barreiras, como a aversão pela leitura, literatura e produção de texto. Por ter conseguido superar esses paradigmas, o projeto foi de grande valia.

Pretendo aprofundar-me no estudo e no uso das tecnologias, para que assim, possa utilizar novas mídias e apropriar-me de novas metodologias de ensino aprendizagem.

Vale ressaltar que a educação precisa investir na criação de competências digitais. Formar, instruir e capacitar os educadores, para que possamos ter fluência digital. E assim, nós professores, que somos migrantes digitais, seremos capazes de ensinar os nossos alunos, que são nativos digitais, não apenas a usar as ferramentas tecnológicas, mas que saibam reproduzir a aprendizagem e construir coisas significativas com essas ferramentas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. In: CERCARIOLI, A. **Entre infâncias e versos: a leitura da poesia de Manoel de Barros pelo olhar da criança**. Campo Grande: UEMS, 2014.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHISINI, J. M. Raquel Naveira: a fiandeira de textos. In: NAVEIRA, R. **Stella Maia e outros poemas**. Campo Grande: UCDB, 2001.

CORRÊA L. S. História e fronteira: o Sul de Mato Grosso. Campo Grande: UCDB, 1999.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, I. **Novas Tecnologias e Aprendizagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita - elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FAJARDO, M. C. S. **Letramento digital e midiático: desafios para o ensino da Língua Inglesa no século XXI**. 2011. Disponível em: <https://ensinodelinguascomtic.files.wordpress.com/2010/03/webquest-para-letramento_digital_e_midiatico.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

FERNANDES, M. L. O. The literary text in the course book. **Itinerários**, Araraquara, n. 17, p. 165-177, 2001.

JOUBE, V. **Por que estudar Literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. M.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARQUES, H. R.; MACIEL, J. C.; DORSA, A. C. **A escola que se tem e a escola que se quer**: um enfoque local e comunitário. Curitiba: Appris, 2015.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

LEOPOLDO, L. P. Novas tecnologias na Educação: reflexões sobre a prática - formação docente e novastecnologias. In: LEOPOLDO, L. P. (Org.). Maceió: Edufal, 2004.

PINHEIRO, A. S.; BUNGART NETO, P. (Orgs.). **Ervais, pantanais e guavirais**: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul. Dourados: UFGD, 2013.

ROCHA, R. Pra não vacinar a criança contra a leitura. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 2, p. 3-10, out. 1983.

SILVA, E. T. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOUZA, R. J. **Narrativas infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

TAJRA, S. F. **Informática na Educação**: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

XAVIER, A. C. S. **O Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ANEXOS

ISTO TAMBÉM É CRIOULISMO

Simpatia que nunca falha, na qual o campesino acredita piamente. O nome sempre foi este: ENCHER O PORONGO.

O campeiro, vaqueiro, roceiro, perdeu um objeto de grande estima, perda bem do fundo do coração.

-Resolve, então, possuído de muita fé, apelar para o porongo.

Procura um de BOCA LARGA, sem o que a “simpatia” não tem o mínimo valor. Passa a enchê-lo com água LIMPA, cuidadosamente.

Sabe que o “bocão” do porongo tem que ficar cheio, até DERRAMAR PELA BARRIGA... Quando isto acontece, é só pensar na peça perdida...

pensar com pensamento forte, sem vacilar.

A água “limpa” é para afastar - no momento da aflição - a ação maléfica do diabo, que só pode atrapalhar se o líquido for sujo, lodoso ou barrento.

Jamais foram incomodados por cristão algum. Ambos foram enterrados no lugar da “figueira seca”, pelo único vizinho da região selvagem.

A expressão “encher o porongo” é, genuinamente, campeira, criada da região fronteira brasileira- paraguaia.

Como andante do CRIOULISMO, já enchi “até os tampos”, o meu PORONGÃO DE BOCA LARGA, inúmeras vezes. E fui feliz, graças a Deus, o PROTETOR MISERICORDIOSO.

A ÁRVORE DOS NINHOS - de que cristão nenhum neste mundo viu coisa igual. Posso até jurar de mãos postas. Uma paisagística encantadora, quase impossível de se descrever pela originalidade arrebatadora.

O viajor, ali naquele canto de um mundo selvagem, parava extasiado, para admirar a “árvore dos ninhos”, bem “copuda” e protegida por um copãozinho de mato, cercado de belos pés de pindó.

Ficava, a árvore, no alto, rente a um pequeno curso d’água que ia morrer em um desfiladeiro de curvas acentuadas, eternamente, enfeitado de densas folhagens multicoloridas.

Ninhos variados e de formatos diferentes, desde a corruíra mimosa até o graxo engenhoso. Não eram menos de quinze os mesmos.

Podia-se observar, bem de perto, que a vivência ali era de paz e tranquilidade. Cada “morador” em seu canto.

A árvore de longas galhadas, favorecia a construção dos ninhos, que obedeciam razoável distância entre um e o outro.

Maneira inteligente de se evitar confusão, atritos, entre os moradores.

O cantor era variado, porém curto, porque, nessa fase, os pássaros “escondem o canto”, o máximo possível. O cantar - afirmam - prejudica a choca.

Do matuto, do sertanejo, do charrua, do campechano e do CRIOULO dotado de fascinação, nada balançou tanto o meu coração de fronteiro e de bugre, como a “árvore dos ninhos”, pelo excêntrico, compactação clorofilada, originalmente paisagística, graciosidade e beleza.

Moradores que se entendiam, que cultivavam a paz para a perpetuação das espécies. Deus - o “Artista sábio”, quis que fosse assim e, assim, aconteceu...

TATIÁ

Quando o inverno vem se aproximando, ele começa a brotar. Diferente de quase todas as outras plantas, o TATIÁ.

Sua altura nunca ultrapassa de cinquenta centímetros. É uma bola intensamente clorofilada. Verde, VERDENTO, parelho, sem mancha, sem falha. Mimosura de moitinha que a gente vê e fica bestificado com o capricho da mãe- natureza.

Um arbustinho que empolga logo a primeira vista. Gracioso, redondinho, encanta os olhos de qualquer cristão. Na mata jamais foi encontrado um similar.

Gozado o airoso TATIÁ! Só medra na orla das matas fechadas. Supõe que seja para receber a friagem das árvores gigantes, cipoal denso e, também, o calor do sol de todos os dias, o garantidor de seu formato de bola cor verdejante que é o seu formoso adorno.

Fui um ardoroso enrabichado desse imponente e esférico TATIÁ.

Nunca dá flor, entretanto, solta pequenos BROTOS multicoloridos de rara beleza que se agasalham debaixo das folhas maiores, procurando - parece - defender-se dos fortes raios solares.

Em mato espesso, à margem esquerda do rio MBARACAI, onde tínhamos uma ranchada ervateira, CUIDEI, carinhosamente, de um TATIÁ, que estava escondido na entrada da mata.

Cravei paus roliços, descascados, ao seu redor, e alertei a peonada para que respeitassem o LUGAR SAGRADO, que não devia ser INÍCIO DE PIQUE, nem passagem para a roça que se estendia ao longo de um ABERTO DE FOGO.

Era o meu passeio predileto. Namorava, tempo grande, o TATIÁ bojido.

Quando veio o inverno rigoroso, atormentando a peonada, ele soltou os BROTINHOS, multicoloridos, no verdento arrebatador.

Um dia tive que ir-me.

Deixei, com dor no coração, o TATIÁ, ali na entrada da mata. Redondinho, bonito, elegante, intensamente clorofilado.

Carrego comigo, porém, diuturnamente, aquela mimosura de moitinha - imagem que jamais desaparecerá da mente sertaneja.

Sou Fiandeira

Sou fiandeira
Tecendo note e dia
Uma esteira de pensamentos

Sou fiandeira
Aranha tirando de dentro
A liga que emaranha
Sou fiandeira
Bordando com palha e ouro

A bandeira de minha fé

Sou fiandeira
Vivo à beira
De tudo aquilo que é frágil
Que parece fiapo
Ou que está por um fio

CERRO CORÁ

Cerro Corá,
Círculo de montanhas,
À margem do rio Aquibadã,
Anfiteatro atural,
Formado pela erosão
Na borda do chapadão.

A arena está pronta
Para o espetáculo,
Para o combate de feras
e gladiadores, Para a
tragédia americana.

Chegam as tropas do
General Câmara,
Solano López,
Vestindo alva
camisa de cambraia,
Calças militares,
Galopa em
direção à
mata,
Persegue-o
Chico
Diabo,
Mulato
esguio,
Com uma lança perfura o ventre
de López, Outro soldado acerta-
lhe a testa com um sabre,
Cambaleando,
Cego,
Resistindo sempre,
O ditador de
constância
indomável Tenta
atravessar o riacho,
Brandindo a espada
frouxamente
Pronuncia a frase:
“- Morro com
minha Pátria”
Verdade cruel
Como um tiro pelas costas.

Cheia de ódio
A soldadesca cai
sobre o corpo,

Bando de corvos
 Arrancam a orelha,
 O dedo,
 O couro cabeludo,
 Os dentes
 Na carruagem,
 Arquibancada do anfiteatro,
 Madame Lynch

Assiste à luta,
 Seu filho Pancho, de
 dezesseis anos, Não se
 rende,
 É um homem defendendo a mãe,
 Com os olhos cheios de orgulho
 e lágrimas, Recebe um golpe no
 Coração.

Madame Lynch,
 Irlandesa acostumada a séculos de
 humilhações, Cava com as próprias
 mãos a sepultura
 Para o filho e o companheiro.

Completa-se a
 tragédia: Cerro Corá,
 Cerco fechado,
 Apertado no
 cinturão das
 árvores, No laço da
 morte,
 Nas cordas da dor.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras fatigadas de informar.
 Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática: eu sou da invenção.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.

E.M. Rafaela Abrão
Aluna: Jackeline dos Santos Ferreira
Série: 9º ano.

A violência

Em nosso país a violência tem aumentado cada vez mais, vimos nos jornais a quantidade de mortes no mundo e são casos de se assombrar.

Mulheres, crianças, pessoas negras e homossexuais são os principais vítimas.

A violência está em todo lugar, dentro de casa, nas ruas, em escolas, etc.

O nosso país tem muitas favelas, e essas favelas são os lugares mais violentos. Confrontos de traficantes e policiais é uma coisa normal para os moradores desses lugares e isso é preocupante, pois inocentes acabam morrendo, pessoas do bem como trabalhadores e estudantes.

As pessoas saem de casa com medo do que pode acontecer, com a incerteza de que voltará.

A violência não é feita apenas com armas, socos, chutes, etc. Tem a agressão que é feita com palavras. Muitas vezes uma simples palavra pode ferir mais que um tiro na cabeça. E para isso

Você nem precisa estar perto da pessoa, nem estar olhando para ela, basta ela te ouvir e se ofender,

Acidente trágico

Acordo todos os dias às 6:00 da manhã, logo em que o mancebo do vel reflete em meu rosto, sendo assim, no resto da semana.

Tenho exatos 21 anos que vacolei de completar, exatos também 21 anos que meus pais faleceram. Éa um dia chuvoso, em meu primeiro aniversário, estava me indo comemorar. Apesar de eu não ter nem uma noção de idade da vida, eu tinha certeza que era algo especial para mim.

Com um verso de "olho a olho" em meu rosto, um verso festivo, uma música infantil não tão alta, no estilo de uma canção de "duas mãos" super movimentada, e uma pizza, ninguém suspeitava o que estava por trás da vida...

De repente uma caminhonete 4x4 vinha extremamente rápido tentando ultrapassar um caminhão gigante, meus pais entraram em pânico, principalmente quando a maldita caminhonete entrou na pista contra.

E me apaixonei principalmente por eles.

Desigualdade social

Desigualdade social é a forma errada de distribuição de renda, isso afeta principalmente os países como Brasil, Venezuela, Paraguai, Uruguai etc. A desigualdade social também se vê no econômico de muitas pessoas e também escolas, profissionais, e outras.

Mas a principal é a desigualdade econômica, uns recebem a maior parte e outros a menor, e assim não têm uma educação e se não conseguem arrumar emprego.

E a maior culpa disso é do governo que não rem a miséria de nossos habitantes e assim a desigualdade social passa despercebida pelos governantes.

Mundo do Crime

Hoje em dia muitos jovens, crianças e adolescentes estão se envolvendo no mundo do crime, para muitas pessoas, ver esses jovens nas drogas, no tráfico ou roubando é normal, porque em todo lugar que você vai tem, usuários, tem meninas tão jovens se prostituindo e etc, mas as pessoas de hoje ainda acham isso normal, só que, mal sabe eles que é que precisamos fazer é dar conselhos pra essas pessoas.

Por agora, nesse mundo tão cruel em que vivemos, vemos pessoas que estão precisando tanto da nossa ajuda, mas o que a maioria do povo faz é dizer de lado, porque mãe é da família, porque é da mãe, porque é usuário, traficante etc... Um dia de fulgor, as pessoas de hoje em dia deveriam fazer a diferença e começar a dar conselhos honestos, mostrar para essas pobres pessoas, que elas tem valores e se dignidade assim, de pouco a pouco, todos nós vamos conseguir acabar com o mundo do crime e fazer eles entenderem que essa vida que eles vivem, é uma vida miserável e tudo de bom que eles tem nessa vida de crime é passageiros, mas se refletirem, voltarem atrás, saírem dessa vida, e começar um emprego e montar sua própria família é o melhor que eles vão fazer.

Gente... Vamos parar de querer ser melhor que os outros, e começar a estender a mão, só assim para a vida do crime acabar.

Drugs

Eu vou começar falando sobre as drogas, as drogas são um veneno para saúde ela não te leva a nada além da morte, para mim drogas foi a pior coisa que ocorreu nesse Brasil, a droga vicia para mata muitas pessoas fumam drogas isso faz um mal além de alucinações e também problemas no fim, elas amareladas e dependendo da droga vicia com sua pele mais porisso foi criado o preserv nos estados todos tem o preserv no inicio desde começo a não usa drogas, mas também cuidado com seus amigos mal influenciados tem muitos amigos que que te leva as drogas tome cuidado com seus amigos e também não esqueça sempre diga não as drogas.

a violência também é uma coisa muito perigosa no mundo atual existem muito estupro, muitos matos, muitos casaltos de casa, famílias, casas essas bandidas não tem piedade por que quando o pessoa é do crime, uma pessoa fica do crime o crime é muito difícil entende por que a pessoa sabe que vai se preso um dia por isso mas ela continua roubando continua matando quando uma pessoa entra para o crime é muito difícil de sair!

Violência Contra a mulher é Crime

A violência doméstica e familiar pode acontecer com toda mulher. Rica ou pobre, branca, negra, jovem, idosa, com deficiência, lésbica; indígena, que vive no campo ou na cidade, religioso ou não - toda mulher pode sofrer esse tipo de violência. O Relacionamento, sem consentimento, quando a mulher não quer ou quando estava dormindo, por quê?

Até mesmo força a praticar atos que causam desconforto; impedir a mulher de decidir se quer ter filhos, como e que modo a ter relacionamento. Algumas formas de violência contra o Crime: física = bater, espancar, puxar o cabelo, empurrar, morder, estrangular, chutar, queimar, cortar, torcer, apertar e braco da mulher são termos que previnimos dentro a violência e não podemos permitir os casamentos feitos isso com as mulheres denuncie 180000

~~Síria~~
Amizade

Síria

Na Síria está acontecendo uma guerra. A Síria está sendo bombardeada e muitas inocentes estão morrendo e muitas dessas inocentes são crianças, é filho perdendo pai e é pai perdendo filho, enquanto aqui no Brasil tem gente preocupado com o "dedinho" do Neymar lá na Síria tem criança dormindo ao lado do túmulo de seus pais e e muitas morrem de fome, frio e sede, por causa dos bombardeios. Muitas casas, hotéis, comercios foram destruídos e milhões de refugiados se espalham para tentar fugir da guerra. Pais é tiratido e bombardeios todos os dias e em algumas áreas estão em completa ruína, e é massacre todos os dias. ~~Prisão~~

A Síria está se tornando uma nação destruída como Iraque e outros.

A Síria está totalmente acabada,
aos poucos a Síria ficará só na
lembrança, muitas sírias estão sem
luz e estão em abrigo subterrâneo
que as protege das bombas, mas isso
não é vida pra ninguém.

Vícios

Hoje em dia temos vícios permanentes tecnológicos que podem ser usados para o nosso bem, mas se não soubermos usá-los e administrá-los podemos acabar usando-os para mal porque podemos ficar e acabar ficando doente tanto doenças mentais quanto físicas.

Mas não é apenas os vícios tecnológicos que fazem mal tem vícios muito piores e que causam mais danos a saúde por exemplo as drogas, bebidas, etc.

Em relação às drogas temos que ter mais cuidado porque é o pior vício que existe, porque isso acaba com a vida das pessoas que vivem com esse mal porque esse vício causa doença nos rins, fígado, pulmão e coração além disso as pessoas podem vender todos os seus bens a banca de droga até parar na rua com fome e doente ou até mesmo morrer de fome, de sede, de doença ou talvez num surto de violência.

O Estudo

Hoje em dia as pessoas não tem o hábito de estudar, como nos tempos de antigamente era muito difícil ser estudor no qual época, porque os filhos tinham que trabalhar desde muito para ajudar a família ja no tempo de hoje podemos notar que as pessoas tem o vicio de não estudar, como o celular que você pode pesquisar tudo o que você quer, Hoje em dia as pessoas que tem um estudo superiores ja as pessoas que não estudam tem um trabalho de baixo e ganham muito pouco mal do para assim tem que estudar para ter uma vida boa.

A batalha

Essa só o começo, como se fosse o começo de sua vida, ensinando a estratégia, ensinando a estratégia, ensinando a jogar se esquecer, evoluindo na vida, mostrando a jogada a batalha, ganhar seu dinheiro para evoluir, quanto no jogo, e na sua vida, não jogamos só pela diversão, e sim pela estratégia e conhecimento, e jogando evoluindo, jogando vai ficando ficando parte e pedindo, claro que jogando nunca vai ganhar todo, sempre vai ter os derrotas é só persistir, fazer algumas mudanças e jogando chega lá!

Derrotar é para os fracos, pelo menos tentar, sempre vai ter aquela vitória, Toda a jogadas, passam por isso o famoso (Rage), é legal jogando com os amigos, Derrotar eles, só que sempre vai ter um Deck counter (Derrotar o Multiplayer) cartas Bem evoluídas as chances de ganhar é grandes, um Deck que é rápido também!

Dificuldades de uma adolescente

Eu ando tendo muita dificuldade, acabei de me tornar uma adolescente e já estou com tantos problemas, já tem tanta responsabilidade, tantos machucados, tantas dores, tantas coisas, tantas surpresas, tanta saudade, tantas coisas e derrotas mas não sei porque ainda ~~to~~ estou aprendendo.

Tem muita gente que fala que eu ainda estou na flor da idade, que eu tenho que aproveitar mais a vida mas eu não discorde disso até porque o dia de amanhã não nos pertence, há uma ironia não saber o que pode ou não pode acontecer na sua vida.

Eu não acho que ser adolescente seja tão difícil são tantas coisas para uma pessoa só aguentar ainda mais na minha idade, imagina só quando eu for mais velha mas como eu falei no começo do texto ainda estou aprendendo.

* VIOLÊNCIA

Vivemos um mundo de violência, ela não é falada na TV, ninguém mostra ou fala do mundo em que nós vivemos, eles falam de uma coisa que não existe, guerra na selva, fengon que nunca aconteceu, ou de fazer um caso, violência ao deturmo e ninguém comentando nada sobre isso, pessoas inocentes morrendo por culpa dos erros de outras pessoas. Uns dos principais problemas de violência são as drogas, falta de arame e política, e além disso não ~~os~~ respeitamos mais os adultos e idosos com mais experiência como professores, políticos e etc. Já quem partir pra agressão física ou verbal, muitas coisas acontecem no mundo de hoje, mas quase ninguém se habilita a falar ou agir pra ter um mundo melhor,

preferem ficar mais preocupados com coisas bobas.

O Livro

Sou um livro, no dia 16 de fevereiro eu estava em uma prateleira qualquer em um mercado qualquer quando uma menina de vestido azul e tênis preto me achou em meio a muitos livros, ela me pegou, abriu minha capa e abriu um grande sorriso. Mal sabia eu que minha vida começaria naquele dia.

Ela me levou para todos os lugares, vi ruas suaves, alguns livros velhos com muitas folhas e outros só com galhos a amarela, fui a escola, mercados, parques e mais lugares lindos e variados. parte do tempo ficava dentro de uma bolsa velha escrita "Believe" de azul e branca, ela amava as histórias que contava, eu e ela ríamos por horas, e ela sempre passava canetas coloridas em minhas letras. todos os dias saíamos para que eu contasse as histórias. com o passar do tempo fiquei desgastado e sujo, minhas folhas que antes eram brancas agora estavam amareladas e amassadas, mais aos olhos dela eu era perfeito, ela falava que tinha vivido muitas aventuras para estar perfeito, depois de algum tempo tempo/digo minhas histórias foram acabando junto com minhas folhas. A menina com lágrimas nos olhos, me abriu pela última vez. depois disso a menina me levou para uma loja de livros usados e me colocou em uma

prateleira e essa foi a última vez que vi a menina de vestido azul. Algumas horas se passaram e um menino de calça preta abriu para minha capa e abriu um grande sorriso.

E. M. Rafaela Libório

Coluna: Camila Nunes Vargas -

Como já disse eu era um peçonhoso nato, caí na armadilha do amor. Falei pra ela o que eu sentia, do que eu gostava, até declarei alguns poemas, mais nada. Fui pego nessa armadilha e não consegui me livrar, ela revirou e eu fiquei a chorar, mas também quem mandou eu me achar.

Final da Crônica

Lembrando da minha infância, como ela era bela podia sair para brincar, saltar pipa e pôde jogar Futebol na rua era coisa para homem, homem de verdade, porque era de pé descalço no asfalto quente, uma vez ou outra assanhava o tempo do deus.

Mãe naquela época livre, era livre até pra amar, como já disse eu me apaixonei, estava caído ao seus pés, Ela era linda, meiga e elegante, e eu um pobre amante.

Soei por causa da minha fama de pesador, por causa disso ela não quis me namorar, muito mais que poemas tive que provar que merecia ela, pra isso eu realmente tinha que mudar.

Hoje tenho um casar de filhos e vivemos felizes, não como nos contos de fada, mas dentro do possível.

Crônicas trabalhadas

A notícia mais triste do Brasil nesta semana

Menino de 8 anos desmaia na escola e marca um país devolvido à geografia mundial da fome



Escola do Distrito Federal onde aluno desmaiou de fome REPRODUÇÃO

[Michelzinho](#) e demais filhos de autoridades não têm nada a ver com isso, são inocentes e devem ser protegidos. Tirem as crianças da sala. Gostaria, no entanto, que seus pais não ignorassem a notícia mais triste desta semana entre tantos péssimos relatos brasileiros: um menino de 8 anos desmaiou de fome em uma escola pública na vizinhança dos palácios de Brasília. O agente de saúde do Samu que atendeu ao chamado de uma professora constatou a doença: falta de comida.

Valei-me são Josué de Castro (Recife, 1908-1974), rogo ao médico e cientista pernambucano pioneiro na denúncia da fome como questão real da política, ainda nos tristes trópicos de 1946, depois de examinar operários que desmaiavam no chão de uma fábrica de tecidos no bairro da Torre, Recife. Sob a agulha da vitrola, o Chico Science & Nação Zumbi, free jazz sampleado das tripas do subdesenvolvimento, dá a letra: “Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça/ Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”.

Morador de um conjunto do Minha Casa, Minha Vida, no Paranoá Parque, o

menino faminto estuda a 30 km da residência, no Cruzeiro, Distrito Federal. O caso foi noticiado pelo DF TV. Os governantes, como sempre, em suas notas frias e oficiais, lamentam o ocorrido.

Espero que a primeira-dama Marcela e a equipe do seu programa “Criança Feliz” atentem para a gravidade. Faço votos que a bancada do Congresso que tanto se escandaliza com a nudez artística, entre outras manifestações, se comova com a mais triste das notícias da semana. Ah se fosse apenas o menino da escola do Cruzeiro. Na mesma sala, palavra de professora, existem outros. A conta de somar é sem fim no Brasil devolvido à geografia da fome.

Não há manchete mais estarrecedora. Do tipo que merece as três exclamações exaltadas pelo cronista Nelson Rodrigues nos tempos d’”A Última Hora”.

Menino de 8 anos desmaia de fome no Brasil de Michel Temer!!!

MENINO DE 8 ANOS DESMAIA DE FOME NA VIZINHANÇA DO PALÁCIO DO

PLANALTO. Com direito a sangrar a página em maiúsculas, óbvio.

Menino desmaia no Brasil que voltou ao mapa da fome. Amigo punk mancheteiro, faça você mesmo, rasgue a capa em seis colunas com a foto do seu canalha político predileto. Amigo, não compre jornal, minta você mesmo, como grita o grafite dos anarquistas espanhóis.

Menino de 8 anos desmente poema de Olavo Bilac. Criança, jamais verás desmaio como este. E assim todas as possibilidades jornalísticas ou de guerrilha na linguagem. Menino de 8 anos desmente programa “Criança Feliz”.

Um sequestro, um roubo sem perdão à infância prometida. Outro dia escrevi sobre o “Não verá país nenhum”, caríssimo escritor Ignácio de Loyola Brandão, agora só me resta bilaquiar no subjuntivo ou no modo do verbo equivalente ao que foi sem nunca ter sido: “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! não verás nenhum país como este!”

Parem as máquinas, sempre, segundo clichê da manchete. Menino de 8 anos tem direito a estudar bem-alimentado. Por mais comida e menos notas oficiais, governo do Brasil e do DF. Por mais crianças felizes, sem o Temer e suas representações golpistas. Que a merenda não seja roubada em nenhum estado do país, muito menos em São Paulo, a dita locomotiva blindada pelos investigadores oficiais.

São tantas manchetes impossíveis e tantos pedidos, meu são Josué de Castro, mas não desisto.

Xico Sá, escritor e jornalista, é autor de “A Pátria em Sandálias da Humildade” (editora Realejo), entre outros livros.

O discreto charme da corrupção

"Vivemos sob uma chuva de escândalos e denúncias de corrupção. Mas, não se enganem, esses shows permanentes nos jornais e TV, servem apenas para dar ao povo a impressão de transparência e para desviar seus olhos das reformas essenciais que mantêm nossas oligarquias intactas. Aos poucos o povo vai se acostumar à zorra geral e achar que tanta gente tem culpa que ninguém tem culpa. Me chamam de canalha, mas eu sou essencial. Tenho orgulho de minha cara de pau, de minha capacidade de sobrevivência, contra todas as intempéries. Enquanto houver 25 mil cargos de confiança no País, eu estarei vivo, enquanto houver autarquias dando empréstimos a fundo perdido, eu estarei firme e forte. Não adiantam CPI's querendo me punir. Eu me saio sempre bem. Enquanto houver esse bendito Código de Processo Penal, eu sempre renascerei como um rabo de lagartixa, como um retrovírus fugindo dos antibióticos. Eu sei chorar diante de uma investigação, ostentando arrependimento, usando meus filhos, pais, pátria, tudo para me livrar. Eu declaro com voz serena: "Tudo isso é uma infâmia de meus inimigos políticos".

Arnaldo Jabor, O Estado de S.Paulo

24 Maio 2011 | 00h00

O
Homem
Nu

Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou,

em voz baixa. Quanto mais batia, mais silêncio

fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

— Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lance de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. —

Imagine que eu... A velha, estarecida, atirou os braços

para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir. Não era: era o cobrador da televisão.

Hipertextos

Aliteração

A aliteração é a [figura de linguagem](#) caracterizada pela repetição de sons consonantais. Esses sons podem ser idênticos ou apenas parecidos, mas funcionam acusticamente como uma expressão além das próprias palavras. A aliteração serve para marcar o ritmo de uma sequência de termos ou para produzir um efeito sonoro que intensifica o sentido do que está sendo dito. Trata-se de uma figura de linguagem encontrada tanto em obras da cultura erudita quanto em dizeres e expressões da cultura popular.

Exemplos de aliteração:

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

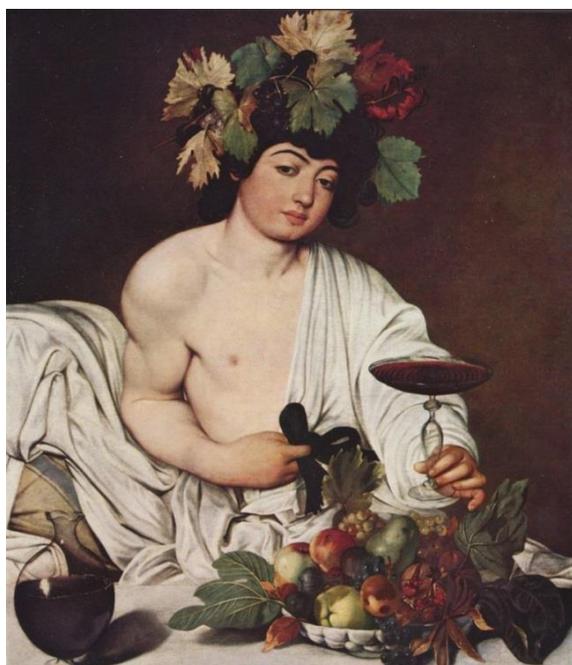
Bacanal

O termo que bacanal tem um uso muito especial a mando da antiga cultura romana, dado que é usado para se referir a tudo que ligava possuía ou Baco, que era considerado o Deus do vinho e da sensualidade nesta civilização. Não se sabe ao certo a origem de Baco, muitas tragédias indicam que era estrangeiro. Considera-se também de Baco como um libertador como resultado da libertação do self que causou através do vinho e do êxtase que propôs em todos os sentidos

Substantivo feminino

1. festa em honra a Baco, o inventor mitológico do vinho, celebrada em Roma, à imitação das festas dionisíacas gregas; bacanálias.
2. *p.ext.* festa em que reina a devassidão; orgia.

Imagens de Baco, Deus do vinho!



Trovadorismo: cantigas

A experiência mais criativa e fecunda do **Trovadorismo** - e, portanto, dos primórdios da literatura portuguesa - encontra-se na poesia trovadoresca (e não na prosa, que é tratada num artigo à parte: veja [aqui](#)). De um lirismo estranho, quando comparados, por exemplo, à poesia moderna, os poemas dos trovadores podem parecer ultrapassados àqueles que fizerem uma leitura desatenta, superficial.

Massaud Moisés diz bem quando salienta que a poesia trovadoresca "exige do leitor de nossos dias um esforço de adaptação e um conhecimento adequado das condições históricas em que a mesma se desenvolveu, sob pena de tornar-se insensível à beleza e à pureza natural que marcam essa poesia".

Para conhecer as origens da lírica trovadoresca, devemos recordar que, a partir do século 11, e durante todo o século 12, a região da Provença, no sul da

França, produziu trovadores e jograis que acabaram se espalhando por vários países da Europa. A influência da poesia provençal chega, inclusive, aos nossos dias. Esses provençais se misturariam aos jograis e menestréis galego-portugueses, dando origem às cantigas que veremos a seguir.

É também da Provença que vem o substantivo "trovador", pois lá o poeta era chamado "troubadour" (enquanto que, no norte da França, recebia o nome de "trouvère"). Nos dois casos, o radical da palavra é o mesmo, referindo-se a "trouver", ou seja, "achar". Os poetas eram aqueles que "achavam" os versos, adequando-os às melodias e formando os cantares ou cantigas.

Para fins didáticos, divide-se a lírica trovadoresca em:

1. Cantigas de amor: o trovador confessa, de maneira dolorosa, a sua angústia, nascida do amor que não encontra receptividade. O "eu lírico" desses poemas se revela, às vezes, na forma de um apelo repetitivo, no qual não há erotismo, mas amor transcendente, idealizado. Como exemplo, vejamos esta cantiga de Pero Garcia Burgalês:

*Ai eu coitad! E por que vi
a dona que por
meu mal vi! Ca
Deus lo sabe,
poila vi, nunca
já mais prazer
ar vi; ca de
quantas donas
eu vi, tam bõa
dona nunca vi.*

*Tam comprida
de todo bem, per
boa fé, esto sei
bem,
se Nostro Senhor
me dê bem dela!
Que eu quero gram
bem, per boa fé,
nom por meu bem!
Ca pero que lh'eu
quero bem, non
sabe ca lhe quero
bem.*

*Ca lho
nego pola
veer, pero
nona posso
veer!*

*Mais Deus, que mi
a fezo veer, rogu'eu
que mi a faça veer;
e se mi a non fazer veer.
Sei bem que non
posso veer prazer
nunca sem a
veer.*

*Ca lhe quero
melhor ca mim,
pero non o sabe
per mim,
a que eu vi por mal de mi[m].*

*Nem outre já,
mentr' eu o sem
houver; mais s
perder o sem,
dire[i]-o com
mingua de sem;*

*Ca vedes que
ouço dizer que
mingua de sem
faz dizer
a home o que non quer dizer!*

2. Cantigas de amigo: o trovador apresenta o outro lado da relação amorosa, isto é, assume um novo "eu lírico": o da mulher que, humilde e ingênua, canta, por exemplo, o desgosto de amar e, depois, ser abandonada; ou o da mulher que se apaixonou e fala à natureza, à si mesma ou a outrem sobre sua tristeza, seu ideal amoroso ou, ainda, sobre os impedimentos de ver seu amado. No exemplo a seguir, do trovador Julião Bolseiro, o diálogo se estabelece entre a mulher apaixonada e sua filha, que impede a mãe de ver seu amado:

*Mal me
tragedes, ai
filha, porque
quer ' aver
amigo e pois eu
com vosso
medo non o ei,
nen é comigo,
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus,
ai mia filha, filha
que vos assi
faça, filha que
vos assi faça.*

*Sabedes ca
sen amigo
nunca foi
molher
viçosa,
e, porque mi-o
non leixades ver,
mia filha
fremosa,
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus,
ai mia filha, filha
que vos assi
faça, filha que
vos assi faça.*

*Pois eu non ei
meu amigo,
non ei ren do
que desejo,
mais, pois que mi
por vós v~eo Mia
filha, que o non
vejo,
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus,
ai mia filha, filha*

*que vos assi
faça, filha que
vos assi faça.*

*Por vós perdi
meu amigo, por
que gran coita
padesco,
e, pois que mi-o
vós tolhestes e
melhor ca vós
pareSCO
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus,
ai mia filha, filha
que vos assi
faça, filha que
vos assi faça.*

Como salienta Massaud Moisés, analisando essa dualidade amorosa do trovador, "é digna de nota essa ambiguidade, ou essa capacidade de projetar-se na interlocutora do episódio e exprimir-lhe o sentimento: extremamente original como psicologia literária ou das relações humanas, não existia antes do trovadorismo, e nem jamais se repetiu depois".

3. Cantigas de escárnio e de maldizer: são poemas satíricos. Nas de escárnio, ressaltam-se a ironia e o sarcasmo. Já as de maldizer são agressivas, abertamente eróticas, a sátira é expressa de forma direta, sem meias palavras, chegando a usar termos chulos. Escritas, às vezes, pelos

mesmos autores das cantigas de amor e de amigo, revelam um terceiro "eu lírico", cuja licenciosidade se aproxima da vida das camadas sociais mais populares. Como exemplo, vejamos esta cantiga de maldizer de Afonso Eanes de Coton:

*Marinha, o teu
folgar tenho eu
por
desacertado, e
ando
maravilhado
de te não ver
rebentar; pois
tapo com esta
minha boca, a
tua boca,
Marinha; e com
este nariz meu,
tapo eu,
Marinha, o teu;*

*com as mãos tapo
as orelhas, os
olhos e as
sobrancelhas,
tapo-te ao primeiro
sono;
com a minha piça
o teu cono; e
como o não faz
nenhum, com os
colhões te tapo o
cu. E não
reventas,
Marinha?*

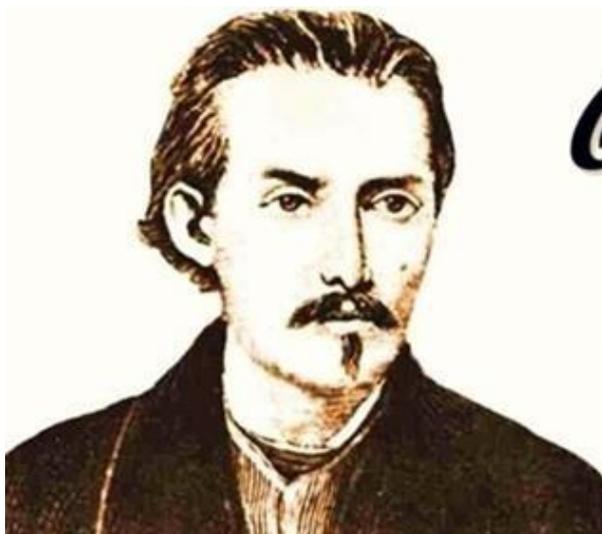
Não podemos esquecer que todas essas cantigas eram musicadas. Os trovadores as cantavam, acompanhados de um ou vários instrumentos musicais. E, em algumas situações, elas podiam, inclusive, ser dançadas.

Infelizmente, muitas dessas cantigas acabaram desaparecendo, já que eram transmitidas também por via oral. Alguns manuscritos, contudo, foram compilados em obras a que damos o nome de "cancioneiros", quase sempre graças às ordens dos reis. Assim, as cantigas hoje existentes podem ser encontradas em três cancionários:

- a) *Cancioneiro da Ajuda* (composto no reinado de Afonso 3º, no final do século 13, tem 310 cantigas, a maioria de amor;
- b) *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (ou *Cancioneiro Colocci-Brancuti*): contem 1.647 cantigas, de todos os tipos, elaboradas por trovadores dos reinados de Afonso 3º e dom Dinis.
- c) *Cancioneiro da Vaticana*: possui 1.205 cantigas de todos os tipos.

Entre os principais trovadores, devemos citar: João Soares Paiva, Paio Soares de Taveirós, dom Dinis (que deixou cerca de 140 cantigas líricas e satíricas), João Garcia de Guilhade e Martim Codax.

De todas as cantigas existentes, apenas 13 são acompanhadas de notação musical.



*Casimiro
de
Abreu*

Biografia e Vida

Casimiro de Abreu (1837-1860) foi um poeta brasileiro, autor da obra "Meus Oito Anos", um dos poemas mais populares da literatura brasileira. Pertence a segunda geração do romantismo. Enviado para Lisboa, com apenas 16 anos, inicia sua vida literária. É nesse período que escreve a maior parte dos poemas de seu único livro "Primaveras". Escreve a peça "Camões e o Jau", que foi aplaudida no Teatro D. Fernando, em Lisboa. Casimiro é patrono da cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Letras.

Casimiro de Abreu (1837-1860) nasceu na Barra de São João, Estado do Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 1837. Era filho do rico comerciante português, José Joaquim Marques de Abreu e da brasileira Luíza Joaquina das Neves. Desde cedo despertou interesse pela literatura. Aos nove anos entrou para o Colégio Frese, em Nova Friburgo. No dia 13 de novembro de 1853, com apenas 16 anos, por não se adaptar ao trabalho, no comércio do pai, no Rio de Janeiro, foi enviado para Lisboa. O austero pai achava que lá, ele perderia as tendências literárias.

Casimiro de Abreu viveu quatro anos em Portugal, onde iniciou sua carreira literária e escreveu a maior parte de seus poemas. No dia 18 de janeiro de 1856, sua peça "Camões e o Jau", foi encenada no Teatro D. Fernando, em Lisboa, sendo recebida com aplausos da imprensa portuguesa.

Em 11 de julho de 1857, volta ao Rio de Janeiro. Com a saúde abalada, parte para Indaiassu, fazenda da família, às margens do rio São João. Depois de um mês, volta constrangido, ao comércio do pai, que pretendia torná-lo comerciante.

Casimiro de Abreu escreveu pouco, mas seu lirismo de adolescente retratado em sua poesia, que girava em torno do amor, da tristeza da vida, da saudade da Pátria e da saudade da infância, o tornou o poeta mais popular da literatura brasileira. Seu poema "Meus Oito Anos", escrito em Lisboa em 1857, retrata bem a nostalgia da infância: Oh! que saudades que tenho/Da aurora de minha vida,/Da minha infância querida/Que os anos não trazem mais!/Que amor, que sonhos, que flores,/Naquelas tardes fagueiras/A sombra das bananeiras,/Debaixo dos laranjais!.

Em 1859 publica seu único livro de poemas "Primaveras", onde a maior parte das poesias foram escritas em Lisboa, entre elas, "Minha Terra", "Meus Oito Anos", "Segredo" e "Minha Alma é Triste". Em 1860, fica noivo de Joaquina Alvarenga Silva Peixoto. Levando uma vida boêmia, contrai tuberculose e vai para Nova Friburgo tentar a cura da doença. Nesse mesmo ano morre seu pai em sua fazenda em Indaiassu. Em 4 de junho, Cassimiro de Abreu volta para o Rio de Janeiro e assume seu lugar no comércio da família. Com a doença agravada decide ir para Nova Friburgo.

Casimiro José Marques de Abreu, não resiste a doença e morre com apenas 23 anos de idade, no dia 18 de outubro de 1860, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Obras de Casimiro de Abreu

Fora da Pátria,
prosa, 1855
Minha Mãe,
poesia, 1855
Rosa Murcha,
poesia, 1855
Saudades,
poesia, 1856
Suspiros, poesia,
1856 Camões e o
Jau, teatro, 1856
Meus Oito Anos,
poesia, 1857
Longe do Lar,
prosa, 1858 Treze
Cantos, poesia,
1858 Folha
Negra, poesia,
1858 Primaveras,
poesias, 1859

Conto

O conto é uma obra de ficção, um [texto ficcional](#). Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo.

Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o [romance](#), o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Num romance, a trama desdobra-se em conflitos

secundários, o que não acontece com o conto. O conto é conciso.

Grande flexibilidade

Por outro lado, o conto é um gênero literário que apresenta uma grande flexibilidade, podendo se aproximar da [poesia](#) e da [crônica](#). Os historiadores afirmam que os ancestrais do conto são o mito, a lenda, a parábola, o conto de fadas e mesmo a anedota.

O primeiro passo para a compreensão de um conto é fazer uma leitura corrida do texto, do começo ao fim. Através dela verificamos a extensão do conto, a quantidade de parágrafos, as linhas gerais da história, a linguagem empregada pelo autor. Enfim, pegamos o "tom" do texto.

Crônica

A crônica é um texto de carácter reflexivo e interpretativo, que parte de um assunto do quotidiano, um acontecimento banal, sem significado relevante.

É um texto subjectivo, pois apresenta a perspectiva do seu autor, o tom do discurso varia entre o ligeiro e o polémico, podendo ser irónico ou humorístico.

É um texto breve e surge sempre assinado numa página fixa do jornal.

CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA

O discurso

Texto curto e inteligível (de imediata percepção);
 Apresenta marcas de subjectividade – discurso na 1ª e 3ª pessoa;
 Pode comportar diversos modos de expressão, isoladamente ou em simultâneo:
 - narração;
 - descrição;
 - contemplação / efusão lírica;
 - comentários;
 - reflexão.

Linguagem com duplos sentidos / jogos de palavras / conotações; Utiliza a ironia;
 Registo de língua corrente ou cuidado; Discurso que vai do oralizante ao literário;
 Predominância da função emotiva da linguagem sobre a informativa; Vocabulário variado e expressivo de acordo com a intenção do autor; Pontuação expressiva;
 Emprego de recursos estilísticos.

A temática

Aborda aspectos da vida social e quotidiana; Transmite os contrastes do mundo em que vivemos; Apresenta episódios reais ou fictícios.

(A crônica pode ser política, desportiva, literária, humorística, económica, mundana, etc.)

Denotação

Uma palavra é usada no sentido denotativo (próprio ou literal) quando apresenta seu significado original, independentemente do contexto frásico em que aparece. Quando se refere ao seu significado mais objetivo e comum, aquele imediatamente reconhecido e muitas vezes associado ao primeiro significado que aparece nos dicionários, sendo o significado mais literal da palavra.

A denotação tem como finalidade informar o receptor da mensagem de forma clara e objetiva, assumindo assim um caráter prático e utilitário. É utilizada em textos informativos, como jornais, regulamentos, manuais de instrução, bulas de medicamentos, textos científicos, entre outros.

Exemplos:

- O elefante é um mamífero.
- Já li esta página do livro.
- A empregada limpou a casa.

Conotação

Uma palavra é usada no sentido conotativo (figurado) quando apresenta diferentes significados, sujeitos a diferentes interpretações, dependendo do contexto frásico em que aparece. Quando se refere a sentidos, associações e ideias que vão além do sentido original da palavra, ampliando sua significação mediante a circunstância em que a mesma é utilizada, assumindo um sentido figurado e simbólico.

A conotação tem como finalidade provocar sentimentos no receptor da mensagem, através da expressividade e afetividade que transmite. É utilizada principalmente numa linguagem poética e na literatura, mas também ocorre em conversas cotidianas, em letras de música, em anúncios publicitários, entre outros.

Exemplos:

- Você é o meu sol!
- Minha vida é um mar de tristezas.
- Você tem um coração de pedra!

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;

quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

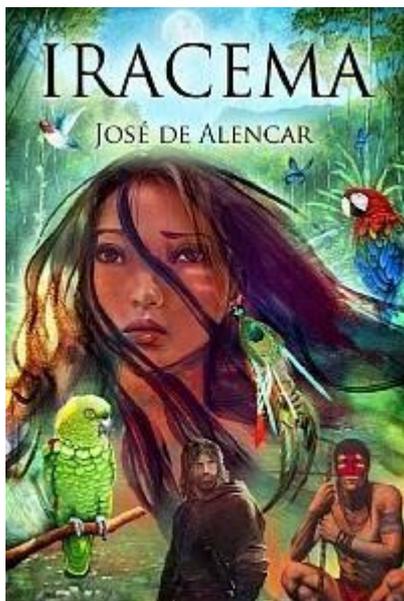
Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...
 Mas você não morre,
 você é duro, José!

Sozinho no escuro
 qual bicho-do-mato,
 sem teogonia,
 sem parede nua
 para se encostar,
 sem cavalo preto
 que fuja a galope,
 você marcha, José!
 José, para onde?

Origem do Termo “Fruta Proibida”

*“Ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim podes comer livremente; mas **da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás**; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far- lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea.” (Gênesis, 2:16-18). “Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, **comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu** Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Ao que respondeu o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me a árvore, e eu comi. Perguntou o Senhor Deus à mulher: Que é isto que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente enganou-me, e eu comi.” (Gênesis, 3: 6, 11-13). **Expressão**: significa que tudo aquilo que é proibido é melhor mais saboroso.*

Iracema



IRACEMA – (lábios de mel) – índia da tribo dos tabajaras, filha de Araquém, velho pajé; era uma espécie de vestal (no sentido de ter a sua virgindade consagrada à divindade) por guardar o segredo de Jurema (bebida mágica utilizada nos rituais religiosos); anagrama de América.

MARTIM SOARES MORENO – guerreiro branco, amigo dos pitiguaras, habitantes do litoral, adversários dos tabajaras; os pitiguaras lhe deram o nome de Coatiabo.

POTI – herói dos pitiguaras, amigo – que se considerava irmão

– de Martim. IRAPUÃ - chefe dos tabajaras; apaixonado por

Iracema.

CAUBI – índio tabajara, irmão de

Iracema. JACAÚNA – chefe dos

pitiguaras, irmão de Poti.

ENREDO

Durante uma caçada, Martim se perdeu dos companheiros pitiguaras e se pôs a caminhar sem rumo durante três dias.

No interior das matas pertencentes à tribo dos tabajaras, Iracema se deparou com Martim. Surpresa e amedrontada, a índia feriu o branco no rosto com uma flechada. Ele não reagiu. Arrependida, a moça correu até Martim e ofereceu-lhe hospitalidade, quebrando com ele a flecha da paz.

Martim foi recebido na cabana de Araquém, que ali morava com a filha. Ao cair da noite, Araquém havia deixado seu hóspede sozinho, para que ele fosse servido pelas mais belas índias da tribo. O jovem branco estranhou que entre elas não estivesse

José de Alencar



Biografia, estilo e obras:

O escritor brasileiro José de Alencar nasceu no Ceará, região nordeste do Brasil, no ano de 1829. Antes de iniciar sua vida literária, atuou como advogado, jornalista, deputado e ministro da justiça. Aos 26 anos publicou sua primeira obra: “Cinco Minutos”.

Podemos considerar Alencar como o precursor do romantismo no Brasil dentro das quatro características: indianista, psicológico, regional e histórico.

Este autor brasileiro utilizou como tema o índio e o sertão do Brasil e, ao contrário de outros romancistas de sua época que escreviam como se vivessem em Portugal, Alencar valorizava a língua falada no Brasil.

Escritor de obras com estilos variados, este escritor cearense criou romances que abordam o cotidiano. Deste estilo literário, também conhecido como romance de

costumes, destacam-se os livros: Diva, Lucíola e A Viuvinha. Foram também de sua autoria os romances regionalistas: O Sertanejo, O Tronco do Ipê, O Gaúcho e Til. Dos romances históricos fazem parte: As Minas de Prata e A Guerra dos Mascates.

No romance indianista de José de Alencar, o índio é visto em três etapas diferentes: antes de ter contato com o branco, em Ubirajara; um branco convivendo no meio indígena, em Iracema e o índio no cotidiano do homem branco, em O Guarani.

É dentro do estilo indianista do escritor José de Alencar que está sua obra mais importante: Iracema. Outra obra também considerada de grande valor literário é O Guarani, pois aborda os aspectos da formação nacional brasileira.

Apesar de ser mais conhecido por suas obras literárias, o escritor brasileiro José de Alencar fez também algumas peças de teatro: Nas Asas de um Anjo, Mãe, O Demônio Familiar.

Faleceu aos 48 anos de idade, em 1877, deixando inúmeras obras que fazem sucesso até os dias atuais.

Luís de Camões



Biografia e Vida

Luís de Camões (1524-1580) foi um poeta português. Autor do poema "Os Lusíadas", uma das obras mais importantes da literatura portuguesa, que celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal. É o maior representante do Classicismo português.

Luís de Camões (1524-1580) nasceu em Coimbra ou Lisboa, não se sabe o local exato nem o ano de seu nascimento, supõe-se por volta de 1524. Filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá e Macedo, ingressou no Exército da Coroa de Portugal e em

1547, embarcou como soldado para a África, onde participou da guerra contra os Celtas, no Marrocos, e em combate perde o olho direito.

Em 1552, de volta à Lisboa frequentou tanto os serões da nobreza como as noitadas populares. Numa briga, feriu um funcionário real e foi preso. Embarcou para a Índia em 1553, onde participou de várias expedições militares. Em 1556, foi para a China, também em várias expedições. Em 1570, voltou para Lisboa, já com os manuscritos do poema "Os Lusíadas", que foi publicado em 1572, com a ajuda do rei D. Sebastião.

O poema "Os Lusíadas", funde elementos épicos e líricos e sintetiza as principais marcas do Renascimento português: o humanismo e as expedições ultramarinas. Inspirado em A Eneida de Virgílio, narra fatos heroicos da história de Portugal, em particular a descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama. No poema, Camões mescla fatos da História Portuguesa à intrigas dos deuses gregos, que procuram ajudar ou atrapalhar o navegador.

Um aspecto que diferencia Os Lusíadas das antigas epopeias clássicas é a presença de episódios líricos, sem nenhuma relação com o tema central que é a viagem de Vasco da Gama. Entre os episódios, destaca-se o assassinato de Inês de Castro, em 1355, pelos ministros do rei D. Afonso IV de Borgonha, pai de D. Pedro, seu amante.

Luís de Camões é o poeta erudito do Renascimento, se inspira em canções ou trovas populares e escreve poesias que lembram as cantigas medievais. Revela em seus poemas uma sensibilidade para os dramas humanos, amorosos ou existenciais. A maior parte da obra lírica de Camões é composta de sonetos e redondilhas, de uma perfeição geométrica, sem abuso de artifícios, tudo parece estar no lugar correto.

No século XVI, em todos os reinos católicos, os livros deveriam ter a aprovação da Inquisição para serem publicados. Isso ocorreu com "Os Lusíadas", conforme texto de frei Bartolomeu, onde comenta as características da obra e ressalva que a presença de deuses pagãos não devem preocupar porque não passa de recurso poético do autor.

Uma das amadas de Camões foi a jovem chinesa Dinamene, que morreu afogada em um naufrágio. Diz a lenda que Camões conseguiu salvar o manuscrito de Os Lusíadas, segurando com uma das mãos e nadando com a outra. Camões escreve vários sonetos lamentando a morte da amada. O mais famoso é "A Saudade do Ser Amado". Camões deixou além de "Os Lusíadas", um conjunto de poesias líricas, entre elas, "Os Efeitos Contraditórios do Amor" e "O Desconcerto do Mundo", e as comédias "El-Rei Seleuco", "Filodemo" e "Anfitriões".

Luís Vaz de Camões morreu em Lisboa, Portugal, no dia 10 de junho 1580, em absoluta pobreza.

Machado de Assis



Joaquim Maria Machado de Assis é considerado um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro em 21/6/1839, filho de uma família muito pobre. Mulato e vítima de preconceito, perdeu na infância sua mãe e foi criado pela madrasta. Superou todas as dificuldades da época e tornou-se um grande escritor.

Na infância, estudou numa escola pública durante o primário e aprendeu francês e latim. Trabalhou como aprendiz de tipógrafo, foi revisor e funcionário público.

Publicou seu primeiro poema intitulado Ela, na revista Marmota Fluminense. Trabalhou como colaborador de algumas revistas e jornais do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de letras e seu primeiro presidente.

Podemos dividir as obras de Machado de Assis em duas fases: Na primeira fase (fase romântica) os personagens de suas obras possuem características românticas, sendo o amor e os relacionamentos amorosos os principais temas de seus livros. Desta fase podemos destacar as seguintes obras: Ressurreição (1872), seu primeiro livro, A Mão e a Luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878).

Na Segunda Fase (fase realista), Machado de Assis abre espaços para as questões psicológicas dos personagens. É a fase em que o autor retrata muito bem as características do realismo literário. Machado de Assis faz uma análise profunda e realista do ser humano, destacando suas vontades, necessidades, defeitos e qualidades. Nesta fase destaca-se as seguintes obras: Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), Quincas Borba (1892), Dom Casmurro (1900) e Memorial de Aires (1908).

Machado de Assis também escreveu contos, tais como: Missa do Galo, O Espelho e O Alienista. Escreveu diversos poemas, crônicas sobre o cotidiano, peças de teatro, críticas literárias e teatrais.

Machado de Assis morreu de câncer, em sua cidade natal, no ano de 1908.

Relação de algumas obras de Machado de Assis:

Romances

- *Ressurreição* (1872)
- *A mão e a luva* (1874)
- *Helena* (1876)
- *Iaiá Garcia* (1878)
- *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881)
- *Casa Velha* (1885)
- *Quincas Borba* (1891)
- *Dom Casmurro* (1899)
- *Esaú e Jacó* (1904)
- *Memorial de Aires* (1908)

Coletâneas de contos

- *Contos Fluminenses* (1870)
- *Histórias da Meia-Noite* (1873)
- *Papéis Avulsos* (1882)
- *Histórias sem Data* (1884)
- *Várias Histórias* (1896)
- *Páginas Recolhidas* (1899)
- *Relíquias da Casa Velha* (1906)

Peças de teatro

- *Hoje Avental, Amanhã Luva* (1860)
- *Desencantos* (1861)
- *O Caminho da Porta* (1863)
- *O Protocolo* (1863)
- *Quase Ministro* (1864)
- *As Forças Caudinas* (1865/1956)
- *Os Deuses de Casaca* (1866)
- *Tu, só tu, puro amor* (1880)
- *Não Consultes Médico* (1896)
- *Lição de Botânica* (1906)

Coletâneas de poesias

- *Crisálidas* (1864)
- *Falenas* (1870)
- *Americanas* (1875)
- *Ocidentais* (1880)
- *Poesias Completas* (1901)

Paradoxo

O paradoxo, também conhecido com **oxímoro**, é uma **figura de linguagem** que “funde” conceitos opostos num mesmo enunciado. Ele pode ser descrito como a expressão de uma ideia lógica por meio do emprego de termos opostos entre si. Num enunciado paradoxal, noções mutuamente excludentes são postas em relação e/ou incidem sobre um mesmo referencial.

Exemplos de paradoxo:

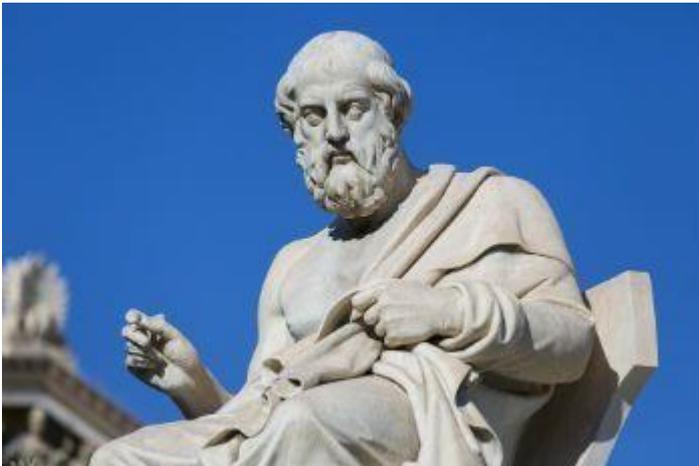
Essa menina parece que dorme acordada.

- Não é possível dormir e estar acordado ao mesmo tempo, portanto, essa frase traz um paradoxo que provavelmente diz respeito à distração da menina. A distração dela é tamanha que pode ser comparada ao estado de sono.

Quanto mais vivemos, mais nos aproximamos da morte.

- Se todos os seres vivos estão fadados à morte, a cada dia que vivemos avançamos um pouco em direção a ela, pois não há outro fim possível.

Platão



Amor platônico é qualquer tipo de **relação afetiva** ou idealizada em que se **abstrai o elemento sexual**, por vários gêneros diferentes, como em um caso de **amizade pura**, entre duas pessoas.

Amor platônico também pode ser um **amor impossível**, difícil ou que **não é correspondido**. Muitas vezes uma pessoa tem um amor platônico e nunca tenta sair dessa fase porque tem medo de se machucar ou medo de verificar que as suas fantasias e expectativas não correspondem à realidade.

O termo amor "*platonicus*" foi usado pela primeira vez pelo filósofo neoplatônico florentino Marsilio Ficino no século XV, como um sinônimo de amor socrático. As duas expressões dizem respeito a um amor focado na beleza do caráter e na inteligência de uma pessoa, e não no seu aspeto físico. A expressão viu o seu conceito mudar graças à obra de Sr. William Davenant, "*Platonic Lovers*" (Amantes Platônicos - 1636), onde o poeta inglês se refere ao amor como é retratado no Simpósio de Platão, que afirma que o amor é a raiz de todas as virtudes e da verdade.

Para o filósofo grego Platão, o amor era algo essencialmente puro e desprovido de paixões, ao passo em que estas são essencialmente cegas, materiais, efêmeras e falsas. O amor platônico, não se fundamenta num interesse, e sim na virtude. Platão criou também a teoria do mundo das idéias, onde tudo era perfeito e que no mundo real tudo era uma cópia imperfeita desse mundo das idéias. Portanto amor platônico, ou qualquer coisa platônica, se refere a algo que seja perfeito, mas que não existe no mundo real, apenas no mundo das idéias.

O amor platônico é entendido como um **amor à distância**, que não se aproxima, não toca, não envolve, é feito de fantasias e de idealização, onde o objeto do amor é o ser perfeito, detentor de todas as boas qualidades e sem defeitos.

Sinestesia

A [figura de linguagem](#) sinestesia caracteriza-se pela combinação de termos que remetem a diferentes sentidos do corpo humano. Desse modo, uma expressão que misture sensações visuais e auditivas é um exemplo de [sinestesia](#), assim como outra que, ao mesmo tempo, remeta à audição e ao tato.

Exemplos de sinestesia:

Esse perfume é muito doce.

- O perfume é percebido pelo olfato, mas a característica de “doçura” que se atribui a ele está relacionada ao paladar.

Gosto de quem canta com voz macia.

- A voz só pode percebida pela audição. Quando se diz que a voz é macia, um outro sentido está sendo evocado, o tato.

Soneto de Fidelidade

Vinicius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e
tanto Que mesmo em face do maior
encanto Dele se encante mais meu
pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu
canto E rir meu riso e derramar meu
pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem
vive Quem sabe a solidão, fim de quem
ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é
chama Mas que seja infinito enquanto
dure.

Vinicius de Moraes, "Antologia Poética", Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.

Biografia e Vida

Vinicius de Moraes (1913-1980) foi um poeta e compositor brasileiro. "Garota de Ipanema", feita em parceria com Antônio Carlos Jobim, é um hino da música popular brasileira. Foi também diplomata e dramaturgo.

Vinicius de Moraes (1913-1980) nasceu no Rio de Janeiro, no dia 19 de outubro de 1913. Filho do funcionário público e poeta Clodoaldo Pereira da Silva e da pianista Lídia Cruz. Desde cedo, já mostrava interesse por poesia. Ingressou no colégio jesuíta, Santo Inácio, onde fez os estudos secundários. Entrou para o coral da igreja, onde desenvolveu suas habilidades musicais. Em 1929, iniciou o curso de Direito da Faculdade Nacional do Rio de Janeiro.

Em 1933, ano de sua formatura, publica "O Caminho Para a Distância". Não exerceu a advocacia. Trabalhou como censor cinematográfico, até 1938, quando recebeu uma bolsa de estudos e foi para Londres. Estudou inglês e literatura na Universidade de Oxford. Trabalhou na BBC londrina até 1939.

Várias experiências conjugais marcaram a vida de Vinicius, casou-se nove vezes e teve cinco filhos. Suas esposas foram Beatriz Azevedo, Regina Pederneira, Lila Bôscoli, Maria Lúcia Proença, Nellita de Abreu, Cristina Gurjão, Gesse Gessy, Marta Rodrigues e a última, Gilda Matoso.

Em 1943 é aprovado no concurso para Diplomata. Vai para os Estados Unidos, onde assume o posto de vice-cônsul em Los Angeles. Escreve o livro "Cinco Elegias". Serviu sucessivamente em Paris, em 1953, em Montevidéu, e novamente em Paris, em 1963. Volta para o Brasil em 1964. É aposentado compulsoriamente em 1968, pelo Ato Institucional Número Cinco.

De volta ao Brasil, dedica-se à poesia e à música popular brasileira. Fez parcerias musicais com Toquinho, Tom Jobim, Baden Powell, João Gilberto, Francis Hime, Carlos Lyra e Chico Buarque. Entre suas músicas destacam-se: "Garota de Ipanema", "Gente Humilde", "Aquarela", "A Casa", "Arrastão", "A Rosa de Hiroshima", "Berimbau", "A Tonga da Mironga do Kaburetê", "Canto de Ossanha", "Insensatez", "Eu Sei Que Vou Te Amar" e "Chega de Saudade".

Compôs a trilha sonora do filme Orfeu Negro, que foi premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes e o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Em 1961, compõe Rancho das Flores, baseado no tema Jesus, Alegria dos Homens, de Johann Sebastian Bach. Com Edu Lobo, ganha o Primeiro Festival Nacional de Música Popular Brasileira, com a música "Arrastão".

A parceria com o músico Toquinho foi considerada a mais produtiva. Rendeu músicas importantes como "Aquarela", "A Casa", "As Cores de Abril", "Testamento", "Maria Vai com as Outras", "Morena Flor", "A Rosa Desfolhada", "Para Viver Um Grande Amor" e "Regra Três".

É preciso destacar também sua participação em shows e gravações com cantores e compositores importantes como Chico Buarque de Hollanda, Elis Regina, Dorival Caymmi, Maria Creuza, Miúcha e Maria Bethânia. O Álbum Arca de Noé foi lançado em 1980 e teve vários intérpretes, cantando músicas de cunho infantil. Esse Álbum originou um especial para a televisão.

A produção poética de Vinicius passou por duas fases. A primeira é carregada de misticismo e profundamente cristã, como expressa em "O Caminho para a Distância" e em "Forma e Exegese". A segunda fase vai ao encontro do cotidiano, e nela se ressalta a figura feminina e o amor, como em "Ariana, A Mulher".

Vinicius também se inclina para os grandes temas sociais do seu tempo. O carro chefe é "A Rosa de Hiroshima". A parábola "O Operário em Construção" alinha-se entre os maiores poemas de denúncia da literatura nacional: Pensem na crianças/Mudas telepáticas/Pensem nas mulheres/Rotas alteradas/Pensem nas feridas /Como rosas cálidas.

Marcus Vinicius de Mello Moraes morreu no Rio de Janeiro, no dia 09 de julho de 1980, devido a problemas decorrentes de isquemia cerebral.

Obra de Vinícius de Moraes

O Caminho Para a Distância,

poesia, 1933 Forma e

Exegese, poesia, 1936

Novos Poemas,

poesia, 1938

Cinco Elegias,

poesia, 1943

Poemas, Sonetos e Baladas, poesia, 1946

Pátria Minha, poesia, 1949

Orfeu da Conceição, teatro, em

versos, 1954 Livro de Sonetos,

poesia, 1956

Pobre Menina Rica, teatro, comédia

musicada, 1962 O Mergulhador, poesia,

1965

Cordélia e O Peregrino, teatro, em

versos, 1965 A Arca de Noé,

poesia, 1970

Chacina de Barros Filho,

teatro, drama O Dever e o

Haver

Para Uma Menina com uma Flor, poesia Para Viver um Grande Amor, poesia

Ariana, a Mulher, poesia

Antologia Poética Novos Poemas II